LAMPIÃO da esquina

Ano 1 — Nº 11 — Abril de 1979 — Cr$ 18,00

Leitura para maiores de 18 anos

celso cury absolvido

LESBIANISMO MACHISMO ABORTO DISCRIMINAÇÃO

SÃO AS MULHERES FAZENDO POLÍTICA

Rio de Janeiro

São Paulo

judeus homossexuais: a 13ª tribo de Israel

as bonecas e o cinema nacional

e o aiatolà, tem medo de que?

ney matogrosso: LIBERAÇÃO? CADA UM TRATE DA SUA

LAMPIÃO

Conselho Editorial — Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Coordenador de edição: Aguinaldo Silva.

Colaboradores — Agildo Guimarães, Fredirico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, Zsu Zsu Vieira, José Fernando Bastos, Henrique Neiva, Leila Miccolis, Nélson Abrantes, Sérgio Santeiro, João Carlos Rodrigues, João Carneiro (Rio); José Pires Barroso Filho, Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza, Edward MacRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Curi, Edélcio Mostaço, Paulo Augusto, Eduardo Dantas, Cynthia Sarti (São Paulo); Amylton Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasília); Sandra Maria C. de Albuquerque (Campina Grande); Políbio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Max Stolz e Wilson Bueno (Curitiba).

Correspondentes — Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova Iorque); Armando de Fulviá (Barcelona); Ricardo e Hector (Madrid).

Fotos — Billy Aciolly, Maurício S. Domingues, Dimitri Ribeiro (Rio); Dimas Schitini (São Paulo) e arquivo.

Arte — Jo Fernandes, Mem de Sá, Patrício Bisso, Hildebrando de Castro.

Arte final — Edmilson Vieira da Costa.

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda... CGC 29529856/0001-30; Inscrição estadual: 81.547.113.

Endereço para correspondência: Caixa Postal 41031, CEP 20241 (Santa Teresa), Rio de Janeiro, RJ.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento, 189/203.

Distribuição: Rio — Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente (Rua da Constituição, 65/67); São Paulo — Paulino Carcanhetti; Recife — Livraria Reler; Salvador — Literarte; Florianópolis e Joinville — Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda; Belo Horizonte — Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda.; Porto Alegre — Coojornal; Teresina — Livraria Corisco; Curitiba — Ghignone; Manaus — Stanley Whide.

Assinatura anual (doze números): Cr$ 210,00. Assinatura para o exterior: US$ 15.

Um alerta - um aviso

Janeiro deste ano, um bancário joga-se do 10º andar de um edifício, vindo a morrer uma hora depois por lesões cranianas, segundo laudo médico do IML de Porto Alegre. A imprensa aproveita o assunto, é matéria para todos os jornais do dia e, apesar de outros assuntos estarem muito em voga para os gaúchos, ainda há espaço para que tratem do assunto outros dias; e como nada acabou, talvez ele ainda dê muito pano pra manga.

Acontece que quem se suicidou era exatamente um cara que morava comigo já há três anos. Nesses três anos passamos por diversas fases, aprendemos muito, **vivemos e amamos** muito. Ele tinha 23 anos, nível cultural razoável, assumido e sem problemas maiores como o da sobrevivência no dia-a-dia, já que trabalhava: tinha tudo para correr bem — tudo devia correr bem, mas não correu.

Vem a pergunta do **porquê** do suicídio; muita coisa pesa na balança, mas algumas são mais importantes. Se pegarmos o meu caso, por exemplo: sou um cara que desde muito novo aguento a barra de fazer parte de uma minoria sexual que não está nos padrões aceitos pela sociedade vigente. Com o tempo fui aprendendo a viver a minha vida e aguentar as desvantagens que levava. Tenho 30 anos e bem mais de experiência. Além disso tive a vantagem de viver em diversas cidades, e em cada uma aprendia um pouco da arte de sobreviver como parte dessa minoria.

Mas este rapaz não teve a mesma sorte. Saiu de uma das terras mais atrasadas do Estado de Santa Catarina, onde a moral é ditada pela tradição, igreja e família. O choque com sua própria realidade não foi fácil, apesar de aceitá-la, não conseguia encaixar tudo nos seus devidos lugares, já que nem sabia quais eram estes.

Mas vamos ao que interessa. Este rapaz (perdoem-me, mas não posso chamá-lo pelo nome: dói muito) arranjou um emprego, estava na universidade, e aí começaram os maiores problemas. No emprego, tão logo souberam de sua situação particular, baixou a discriminação. É claro, ele reagiu como pôde: tornou-se elemento eficiente dentro desse banco, superando o resto do pessoal: isso parecia ser a solução, mas foi pior, suscitou a inveja de elementos mesquinhos que viam ali um concorrente, o qual, por vezes exigia alguns privilégios aos quais tinha direito.

O clima que ficou foi o de pressão, isso por uns dois anos e pouco. Mas outro problema grande foi a dificuldade que teve de encontrar amigos no meio hetero. Já aprendi que hetero (mesmo os falsos machões) ergue uma barreira contra alguém que não faz seu jogo. Vai daí que muitos optam pela farsa e desse jeito há uma aceitação. Mas esse meu amigo não era de fazer farsa e, na sua experiência, achava que podia ter amigos que vivessem de modo diferente dele, desde que ninguém interviesse no campo alheio.

Mas os amigos não apareceram e eu não percebi o drama que ia por dentro dele, já que tenho os meus amigos e sempre deixei que aceitassem o que sou ou seguisse em frente. Não pensem que ele era um cara desmunhecado, o tradicional, tolerado até em novelas. Pode ter sido este o *xis* da questão. Era um cara que se comportava como sua natureza mandava, mas não partilhava do *modus vivendi* estabelecido. E agora José?

A situação é esta: ou se faz o papel de bicha louca inofensiva e posta no seu lugar, ou tenta-se lutar pela vida de igual para igual, mesmo não negando a condição de homossexual. No primeiro caso, até é bom usar uma máscara de palhaço de vez em quando e contar mil e uma piadas, de preferência sempre pichando as bichas. No segundo caso, aí a coisa pega e quem gosta de ter amigos de todos os matizes, é bom ir mudando de idéia e ir se isolando, ou se restringir apenas a amizades no meio entendido.

Por isso não condeno esses falsos heteros que andam por aí curtindo mil mulheres que ninguém vê. É difícil assumir e tentar conviver pacificamente com o resto, e por vezes se torna mais fácil usar uma máscara por cima. Por outro lado, assumir e não ter condições de luta pode resultar numa situação como a do meu amigo, o qual suicidou-se por não entender que existe intolerância e uma hipocrisia tão cretinas mesmo na época em que vivemos.

Agora eu pergunto para vocês todos que estão lendo:cada um pode fazer alguma coisa para mudar a situação? Pensem. Talvez possam, talvez se consiga chegar a um nível onde cada um viva a sua vida e seja o único responsável pela sua felicidade ou infelicidade.

Lamento muito, mas aqui neste grande Brasil a coisa muda de lugar para lugar, nuns o homossexual é mais aceito, noutros menos, mas isso até é café pequeno perto da própria opinião que o pessoal tem de si mesmo. É preciso uma tomada de posição, que nos concientizemos de que cada um de nós é um mundo à parte, que não devemos nos condicionar como querem. Cada um que siga o seu caminho, e um pouco de solidariedde até que caia bem.

(Nota da redação: O caso em questão foi bastante rumoroso em Porto Alegre. O autor desse artigo foi muito citado, mas em nenhum momento os jornais lhe deram a palavra, permitindo que ele apresentasse sua versão da história. É por isso que LAMPIÃO resolveu publicar na íntegra, o texto que ele nos enviou. Como ele diz numa carta que mandou com o artigo, "o que aconteceu comigo pode acontecer às dezenas por aí")

Carlos A. P. Silva

Panfletos acadêmicos

Do Rio Grande do Norte chega a notícia de mais um tristíssimo e pouco imaginativo espetáculo de hipocrisia dos tantos que a história tem deixado de registrar através dos tempos. Desta vez o objeto da safadeza é o crítico, poeta e artista plástico Franklin Jorge — a quem não conheço pessoalmente —, tornado personagem de um folheto anônimo, distribuído aos milhares por todo o estado e intitulado "A História do Viado Que Quer Entrar para a Academia". Pelo título já dá para sacar o tipo de verso de redação facílima do tal folheto — e que aqui deixo de publicar por sua péssima qualidade, acrescida do fato de tais garatujas serem atentatórias à Moral e aos Bons Costumes que LAMPIÃO, por sinal, é acusado de desrespeitar. Na verdade Franklin só foi mimoseado por algum inimigo anônimo porque é candidato a uma vaga da Academia Norte-Riograndense de Letras, o que ele justifica dizendo não ser portador de nenhum preconceito, "nem contra a Academia". No depoimento enviado a LAMPIÃO, Franklin acrescenta outros raciocínios que talvez esclareçam melhor a sua posição de candidato à imortalidade.

De saída, intitula-se "em certo sentido, a Lilian Helmann da literatura potiguar", frase de efeito autopromocional justificada pelo "prisma crítico" com que o autor se propõe a ver "tudo e todos". E vai adiante: "Meus passaportes para a Academia são apenas dois livros publicados, um dos quais esgotado, e um prestes a sair pelas Edições Clima. Não possuo outros bens, exceto uma máquina de escrever. Mas acima de tudo possuo essa alegria de estar vivo e fazendo um trabalho no qual acredito e ponho o melhor de mim." () "Escrevo porque estou vivo e quando um homem está vivo a omissão torna-se um ato vergonhoso. Acredito que nenhum escritor se torna melhor ou pior pelo simples fato de entrar numa Academia. A Academia não tem esse privilégio; se o tivesse, autores que pertencem a um só tempo a duas congêneres seriam verdadeiros gênios com atestado passado em cartório e tudo". Mais adiante diz reconhecer ter contra suas pretensões acadêmicas a pouca idade, 26 anos, além de, "às vezes a Academia mostrar pouco discernimento na escolha de seus membros".

Como se vê, Franklin Jorge parecia saber que estava correndo um risco ao colocar sua vida e seu trabalho em julgamento, na busca da imortalidade norte-riograndense de letras. O que ele talvez não esperasse é que a sua — pelo que se entende — declarada preferência sexual se tornasse assunto de folhetos anônimos (é engraçado como coisas desse tipo nunca foram, são ou serão assinadas) distribuídos à imprensa, rádios, à sua família, até mesmo na feira-livre de sua cidade natal, Ceará-Mirim. De minha parte, se a coisa fosse comigo, apresentava queixa à polícia, pois ela existe também para isso, para investigar, descobrir e punir autores de versos pornográficos não assinados, ainda mais quando dirigidos contra pacatos cidadãos candidatos ao aconchego de Academias de Letras.

As Academias, aliás, têm abrigado em seus quadros, em todas as épocas e países, homossexuais brilhantes ou obscuros, enrustidos ou declarados, sendo que dentre estes últimos estão algumas **tias** acadêmicas da melhor qualidade, como Jean Cocteau, Henri de Montherlant e, no Brasil, o mulato pachola João do Rio, para só citar três exemplos. Mas como homossexualismo nunca foi mérito ou demérito em eleições de letras acadêmicas, será melhor encerrar esse registro com a afirmativa, de Franklin, de que "dentro ou fora da Academia serei sempre o mesmo homem que nunca se recusará a participar da luta por uma vida melhor". Anseios acadêmicos e folhetos anônimos e subliterários à parte, isso sim, é o que vale. Dá-lhe garotão! Vai em frente. Nenhum homem de boa-vontade poderá, nunca, estar contra você.

Antônio Chrysóstomo

Extra! Mulheres chegam pra ficar

Algumas pessoas me acharam grosseiro por ter colocado um adendo explicativo no texto de Leila Miccolis publicado nesta mesma página 2, no número anterior de LAMPIÃO. É isso aí: fui propositalmente grosseiro, não com a querida e doce Leila, mas com as mulheres, com um objetivo bem concreto: eu queria sacudi-las. Me explico melhor: se LAMPIÃO quisesse fazer uma reportagem sobre lesbianismo, bastava convocar um dos profissionais da maior competência que possui em seus quadros e mandá-lo sair em campo. O problema é que nós não queremos que esta matéria seja feita por um homem ou por um grupo deles, mas sim, por uma mulher, ou por várias mulheres.

Porque as mulheres homossexuais não devem continuar nessa de achar que, se a barra delas é mais pesada, o negócio é aceitar isso pura e simplesmente, e silenciar; elas devem é partir para conquistar, centímetro por centímetro, todo o espaço que lhes foi reservado na atual conjuntura, e dele não arredar pé, já que essa é a única maneira concreta de evitar que a barra continue pesando, ou pese mais ainda.

Essa é a nossa opinião, e o motivo pelo qual, até agora, não tínhamos publicado nada de importante sobre as mulheres; fazê-lo sem que elas se decidissem a invadir o jornal e ocupá-lo, seria adotar a mesma atitude paternalista da sociedade em que a gente vive, que está sempre dizendo o que as mulheres devem (não) pensar e (não) fazer.

A questão é que minha grosseria funcionou. Na última reunião de pauta do LAMPIÃO o jornal se viu literalmente invadido pelas mulheres, que, pela primeira vez em maioria, conduziram os trabalhos. E ficou decidido o seguinte: um grupo enorme delas iria se reunir para discutir, pautar e elaborar uma reportagem sobre lesbianismo, a ser publicada no próximo número. É isso aí, meninas: se vocês começam a se mexer, fica tudo mais fácil. Vamos trabalhar juntos, pra ver até onde a gente pode ir. (Aguinaldo Silva)

Justiça inocenta Celso Curi

Uma grande notícia para bonecos e bonecas de todo o Brasil: no dia 12 de março, o jornalista Celso Curi foi absolvido no processo ao qual respondia, perante a Justiça de São Paulo, por infração ao artigo 17 da Lei de Imprensa — "ofender à moral e aos bons costumes"; segundo a denúncia do Promotor, Celso estaria "promovendo encontros entre seres anormais", através da Coluna do Meio, publicada diariamente no jornal Última Hora/S.P. e hoje extinta.

A denúncia contra Celso Curi data de março de 1977. No seu caso, havia um prazo máximo de dois anos para o julgamento efetivar-se. Findo esse período, o processo deveria ser simplesmente arquivado, sem nada constar contra o acusado. Os dois anos acabam de se esgotar. Mas é interessante notar que o juiz não quis deixar passar a questão em brancas nuvens — o que teria favorecido Celsinho da mesma forma, por mero decurso de prazo. O juiz Regis de Castilho Barbosa fez muito mais: imediatamente antes de expirar o prazo, apresentou uma bem fundamentada sentença de absolvição, evidenciando assim sua preocupação em opinar a respeito do assunto em controvérsia: homossexualismo como ofensivo à moral. A posição do juiz dá ainda maior importância ao resultado positivo desse processo.

Em sua argumentação para emitir a sentença, o juiz Regis de Castilho Barbosa, da 14ª Vara Criminal, considerou que a Justiça "não tem como escopo abrigar exigências extraordinárias de um pudor hipertrófico (...) em virtude de princípios particularmente rígidos". Não vê crime algum em noticiar fatos sobre homossexualismo nem crê que isso possa ter qualquer objetivo doutrinário, por si. Diz claramente que não é doutrinação o fato dos homossexuais "procurarem se impor como segmento estruturado dentro da sociedade". Isso, segundo ele, é confirmado pelo nosso Código Penal que não caracteriza o homossexualismo como delito. Então, pergunta, por que "entender-se hoje como atentatório ao pudor público publicações de notícias em torno do homossexualismo?" O Juiz insiste que o assunto, tratado em forma de notícia — como era o caso da Coluna — "não contém o caráter de obscenidade que lhe quiseram atribuir."

Em última análise, as conseqüências concretas são estas: na história da Justiça brasileira, trata-se do primeiro processo onde o homossexualismo está envolvido como objeto de denúncia. E houve absolvição. Isso significa que está aberto um importante precedente para defesa dos direitos homossexuais neste país. Os vários processos ou inquéritos ainda em andamento, pelo mesmo motivo — .contra a revista **Istoé, Lampião** e **Interview** — contam desde agora com esse resultado em seu favor. Ou seja, daqui por diante continuaremos de cabeça erguida, mas já tendo o respaldo da Justiça, a cada vez que voltarem a nos acusar de atentado à moral pelo simples fato de estarmos usando o **nosso** corpo para o **nosso** prazer.

Convém lembrar, nisso tudo, que a atuação do Dr. Luís Gonzaga Modesto de Paula, advogado do Celsinho, teve uma importância que extrapola o caso isolado: basta consultar o texto de defesa para constatar como ele se fundamentou com inteligência e exerceu com brilho o seu trabalho.

Vai nosso abraço fraternal ao Celso Curi, sempre bem-humorado em meio à barra toda, numa luta que foi de todos os discriminados deste país. No final, vai ainda um protesto contra o advogado da Última Hora/SP, Dr. Francisco Rangel Pestana que, apesar de ser pago pelo jornal para defender seus funcionários, mandou o Celsinho procurar outro advogado, sob pretexto de que "eu não defendo veado". Essa atitude antiética e fascista dá a justa medida da importância de nossa briga. Tal advogado é protótipo dos nossos inimigos. Contra eles ganhamos uma primeira batalha. Contra eles continuaremos brigando, por nosso direito de ser felizes.

Até logo, Celsinho. Parabéns, Dr. Luís Gonzaga. Tem um bando de gente linda, por estes **brasis**, jogando com gosto na Coluna do Meio. E em todas as que pintarem.

João Silvério Trevisan

Juiz absolve jornal guei canadense: "indecência"

O juiz Sidney Harris, da corte provincial de Ontário, no Canadá, inocentou Ed Jackson, Gerald Hannon e Ken Popert, editores do jornal guei canadense **Body Politic**, da acusação de "distribuição de material indecente". Nesta decisão histórica, tomada no dia 14 de fevereiro, o juiz declarou que o artigo publicado no jornal e que provocou o processo — sobre pedofilia — era um estudo sério e objetivo da questão. Com isso, foi também arquivada a segunda acusação contra o jornal, de "venda de literatura obscena", que dizia respeito à venda de um livro sobre técnicas sexuais gueis. O processo contra **Body Politic** tinha começado no dia 2 de janeiro.

Logo após a decisão do juiz Harris, a Coalizão Canadense pelos Direitos das Lésbicas e dos Gueis, responsável pelo jornal, distribuiu um documento que relata toda a história do processo, e que aqui reproduzimos:

"Por que razões o **Body Politic** foi submetido a um processo? Em seu número de dezembro de 1977/janeiro de 1978, o jornal publicou um artigo intitulado "Men Loving Boys Loving Men", no qual se tentava uma discussão franca e objetiva sobre as relações sexuais entre adultos e jovens. Alguns órgãos de comunicação de Toronto, imediata e deliberadamente, deram uma interpretação pelo menos tendenciosa e sensacionalista ao artigo mencionado acima. O **Toronto Sun** do dia de Natal pretendia mesmo, em uma de suas colunas, que o **Body Politic** encorajava a violação de crianças! Eles frisavam que o Sr. Roy McMurtry, procurador-geral de Ontario, estava "consternado" com o artigo... sem mesmo ter tido o trabalho de lê-lo.

"O **Body Politic** é não somente um jornal de liberação guei, mas também voltado para a liberação sexual em geral. É por isso que está sempre à frente na publicação de artigos concernentes às diversas questões sexuais, tratadas de modo aberto, honesto e sensível. E é lógico, a partir daí, que ele viesse a discutir a pedofilia.

"Já que a maioria das lésbicas e dos gueis não adotam relações sexuais com jovens, nós perguntamos — nós, as pessoas de orientação homossexual —, o que teríamos a ver, de perto ou de longe, com a pedofilia? A resposta é simples, embora perturbadora, terrível e imunda: é a acusação de "violar crianças" que pesa sempre sobre os homossexuais. Qualquer que seja a atitude destes a esse respeito, haverá sempre pessoas ferozmente anti gueis que lançarão este gênero de acusações. É então de nosso dever pôr um freio a essas tiradas paranóicas, através da apresentação objetiva de fatos que não serão jamais conhecidos sem uma discussão da questão.

"O que está realmente em questão é o direito das lésbicas e dos gueis de ter um porta-voz que lhes pertença, como o **Body Politic**, no qual possam sempre discutir os assuntos que nos concernem. Em um contexto mais amplo, a questão é saber se existem problemas julgados tão ofensivos e delicados que não possam ser discutidos publicamente. Como poderemos nós nos defendermos da acusação grosseira de "violadores de crianças" se esta questão não pode sequer ser discutida?

Os membros da Coalisão Canadense pelos Direitos das Lésbicas e dos Gueis estão decididos à luta para assegurar os direitos humanos fundamentais às pessoas homossexuais, direitos que nos são sempre recusados pela maioria heterossexual. Nós estamos também decididos à luta pela eliminação de alguns artigos vitorianos do código penal canadense, que são quase sempre utilizados contra as lésbicas e os gueis. As acusações contra o **Body Politic** não são mais que um exemplo. Há muitos outros, como a invasão da polícia de Montreal ao "Truxx Crusing Bar", e o **blitz** da polícia de Toronto contra "The barracks", clube-sauna para os homens gueis.

"A primeira testemunha da coroa no caso do **Body Politic** foi o sargento-detetive John Houston, da POL%CIA DE Ontario. Ele pretendia ter discutido o caso com alguns legisladores a fim de determinar a reação da comunidade; mas durante o contra-interrogatório não pode nomear outra pessoa além do procurador-geral de Ontario, Rey McMurtry, que autorizou as acusações. Também testemunharam pela coroa o reverendo Ken Campbell, fundador da Renaissance Internationale (organismo que trouxe Anita Bryant a Toronto) e Claire-Hoy. Esta, uma jornalista do **Toronto Sun**, negou, durante o contra-interrogatório feito pelo advogado da defesa, Clayton Ruby, que suas crônicas anteriores tivessem como objetivo incitar à ira e à violência contra os gueis. Campbell, que foi descrito por Ruby como "extremista de direita", disse ao juiz que, em sua opinião, as palavras ofensivas deveriam ser suprimidas das obras de Shakespeare, a fim de tornar seus escritos aceitáveis nas escolas, e que se Sócrates vivesse hoje em dia, e se candidatasse ao posto de professor, ele seria contra a sua nomeação.

"A primeira testemunha de defesa foi o doutor John Money, da Universidade John Jopkins, em Baltimore. Money é considerado um **expert** mundial sobre a sexualidade humana. Entre outras testemunhas estavam o jornalista June Callwood, o reverendo Eilert Frerichs, da Igreja unida, a professora Thelma McCormack, da Universidade de York, Leslie Dewart, do departamento de Estudos Religiosos da Universidade de Toronto, o reverendo James Reed, psicólogo e padre englicano, e William Dampier.

"O porta-voz do CCDLG, David Garmaise, foi também testemunha. Ele disse que o artigo era uma tentativa de suscitar a discussão sobre a questão da pedofilia. Além do apoio da Coalisão, o suporte internacional de **Body Politic** foi importante. Manifestações foram organizadas em Nova York, Boston, San Grancisco, e as moções de apoio vieram de tão longe quanto, porexemplo, do organismo internacional guei da Dinamarca.

"Em Toronto mesmo, uma manifestação foi organizada no dia da abertura do processo, a 3 de janeiro. Um comício assistido por mais de 600 pessoas se desenrolou na noite seguinte. Um dos pontos mais importantes deste comício foi o discurso do prefeito de Toronto, John Sewell, que aproveitou a ocasião para anunciar publicamente seu apoio à comunidade lésbica e guei.

"Uma manifestação de apoio foi igualmente organizada pela Windsor Gay Unity diante do edifício do governo de Ontário em Windsor."

Artigo publicado em "Forum", *boletim da CCDLG, assinado por Mike Johnstone, Denis Leblanc e John Duggan. Tradução: Aguinaldo Silva. O endereço da Coalisão é CP 2919, Succ D, Ottawa, Ontaril K1P 5W9; o endereço de* "Forum": *CP 36, Succ C, Montreal, Québec, H2L 4J7.*

Ninguém segura o "ayatollah?"

Enquanto o novo e *democrático* prefeito do "Rio-que-o-Tamoyo-fez-pra-gente" nos anunciava a "reativação da delegacia de costumes" — na sagrada cruzada puritana do senhor Chagas Freitas, velho arquiinimigo do baile dos enxutos —, o Irã neo-islâmico do *ayatollah* Khomeiny, com sua procissão de fanáticos monges xiitas, desencadeava uma dupla e *revolucionária* caça às bruxas: prisão ou banimento das mulheres que recusam voltar à fantasia do véu e manto negro, e fuzilamento dos "homossexuais-notórios" (que será isso???). À sombra do Cristo do Corcovado, ou do Alah de Oom, o mesmo reacionarismo, o mesmo pudor de fachada, a mesma metodologia repressiva; se existe diferença, ela reside, tão somente, na formulação do discurso ideológico: ora em nome da "civilização ocidental cristã", ora em nome da "civilização oriental islâmica"; qual a diferença entre um punho brandindo a Bíblia e um punho brandindo o Corão?

Formas diferentes de uma mesma Inquisição; aqui residual, ali ressuscitando. O Xá Reza, ditador sem bananas e com muito petróleo, que corrompeu incrivelmente a velha Pérsia, não merecia outra sorte, quanto a mim; aliás, ainda deverá pagar todo o seu cortejo de crimes. Estive torcendo pelo velho *ayatollah;* hoje, temo os efeitos totalitários (apesar de antiimperialistas) da atuação dos seus mais fanáticos seguidores, eunucos de corpo e mentalidade, para quem o sexo é a própria encarnação demoníaca. Que fique claro: antes o *ayatollah* que o Xá, antes o islamismo que a "revolução branca", antes o hoje do que o ontem; mas há que denunciar os erros e os crimes, desta como de qualquer outra revolução: antes que seja tarde demais. Também sob o regime do imperador, as mulheres eram reprimidas (pelo sistema patriarcal/capitalista), e os homossexuais (pela moral burguesa/ocidental); mas, exatamente porque está em curso uma revolução, com raízes populares, há que denunciar os gestos castradores dos novos senhores.

Lembremos (perdoem-me, cubanistas) os quase mil "homossexuais-notórios" (já então...) levados *al paredón* na Cuba castro-guevarista de 1959, e os milhares (tanto *homo*, num país tão pequeno?) ainda presos em "campos de reeducação". Lembremos os milhares que Stalin mandou para a Sibéria. Lembremos os milhares que "desapareceram" na China de Mao, durante a *Grande Revolução Cultural Proletária*. Lembremos os milhares que tiveram igual sorte no Chile de Pinochet, na Argentina de Videla, na Alemanha de Hitler, na Itália de Mussolini, na França de Laval, na Espanha de Franco.

É porque sou um homem de esquerda que topo o desafio de falar, aqui, deste tema, apesar das patrulhas ideológicas, de qualquer cor totalitária.

Tenhamos consciência, nítida, de que a perseguição a toda e qualquer forma de liberação sexual, hetero ou homo, não é típica nem caracteristicamente exclusiva dos regimes de direita, de centro ou de esquerda; não será pela simples mudança de regime, ainda que revolucionária (sic), que se chegará à plena libertação do ser humano, em sua plenitude pluridimensional. Porque a repressão, em todas as suas formas, é, isso sim, característica de todo e qualquer poder estabelecido; o poder, pelo simples fato de ser poder, é repressivo; ou não seria poder.

Se Garcia Lorca foi fuzilado pelo ânus, pela soldadesca franquista, na Guerra Civil Espanhola, também pelos canos das tropas republicanas passaram centenas de homossexuais, quase sempre acusados de anarquismo... No entanto, e porque todo o poder detém, em si mesmo, sua própria contradição, as famosas Brigadas Internacionais, antifascistas, estavam cheias de homossexuais: Malraux, Saint-Exupery, Hemingway e muitos outros, de maior ou menor renome mundial.

Em África, por exemplo, a repressão anti-homossexual praticamente inexiste nos regimes ditos socialistas, ou até comunistas. Quem algum dia passou pela Argélia ,(Orã é um monumento !) independente e dita marxista, sabe como são despreconceituados os argelinos; o mesmo se pode e deve dizer dos marroquinos, dos angolanos, dos congoleses, dos zairenses, de qualquer africano. O africano, em sua formação tradicional (que nada tem de reacionária ou conservadora), encara a prática homossexual como um fato inteiramente normal; e, também, contra isso, nenhum governante minimamente lúcido (ou amante do seu poder) ousará ir. Não há fascismo capaz de modificar, de fato, a postura moral de um africano, mesmo sob a ditadura sangrenta de um Bokassa ou de um Idi Amin. Não há totalitarismo de esquerda com força bastante para tornar reacionária a práxis sexual de um africano, negro ou árabe; mesmo sob a demagogia de um qualquer arremedo stalinista ou trotskista. Sexualmente, como em mil outras coisas, muito têm os civilizados que aprender com os africanos.

Voltarei ao assunto.

João Carneiro

Trifonov, um poeta na Sibéria

Gennady Trifonov, jovem poeta de Leningrado, cumpre atualmente pena de quatro anos num campo de trabalhos forçados da União Soviética, na região norte dos Montes Urais. Sua condenação ocorreu num julgamento não aberto ao público, em novembro de 1976. Nessa época, nem sua mãe nem seus amigos conseguiram descobrir com exatidão as acusações que pesavam sobre ele. Afinal, qual teria sido seu crime? Este: Trifonov tinha divulgado, em lugares privados, uma série de poemas magistrais cantando seu amor por um outro homem.

Depois que o caso foi noticiado por várias publicações gueis do Ocidente, a revista soviética **Ogoniok**, de grande circulação, acabou dando a versão oficial do que teria acontecido com o poeta. Num caústico artigo sobre Theodore Voort, um estudante holandês expulso da União Soviética por colher informações sobre o movimento dos dissidentes, mencionava-se pela primeira vez o nome de Gennady Trifonov. Ele teria se encontrado com o holandês, sem no entanto participar de atividades de espionagem; e, posteriormente, teria sido condenado por servir bebida alcoólica a um menor, por roubar, por provocar desordem e "por violar ainda um outro artigo do código penal, aquele que está diretamente relacionado com seus miseráveis versos de poetastro homossexual." (A. Kostrov, "A segunda face de Theodore Voort" **Ogoniok,** julho 1977).

O próprio articulista admite que o poeta Trifonov mal conhecia Theodore Voort e não teria lhe passado qualquer informação. Entretanto, quando se trata de uma pessoa considerada dissidente, a imprensa soviética usa uma tática muito conhecida: atribui crimes por associação e acumula acusações forjadas, a partir de delitos insignificantes. A novidade no artigo da revista **Ogoniok** era a presença do tópico "homossexualidade", até então nunca mencionado. Entre 1977 e 1978, o mesmo tema voltou a ser abordado várias vezes pela imprensa soviética, sempre num contexto que euiparava a homossexualidade ao crime (ou loucura) e a atividades anti-soviéticas. Entre outros, houve um artigo publicado na **Sovtsky Sport** denunciando o halterofilismo como uma prática que se supunha levar tanto ao homossexualismo quanto ao crime.

Na **Gazeta Literária**, por sua vez, apareceu o relato do protesto público que um italiano, Angelo Pezzano, realizou no dia 15 de novembro de 1977, em Moscou, a favor dos direitos dos homossexuais. O artigo referia-se a Pezzano como um emissário da Bienal dos Dissidentes, que na época estava para ser inaugurada, em Veneza; além disso o artigo deixava implícito que essa Bienal era organizada por homossexuaus e por doidos.

Depois de ler essas matérias, Gennady Trifonov mandou a seus amigos de Leningrado uma veemente "Carta Aberta", para ser entregue à **Gazeta Literária** — onde, evidentemente, jamais foi publicada. Nessa carta, Trifonov protestava contra a tendência da imprensa soviética em difamar os homossexuais, e incluía informações documentadas sobre o tratamento brutal e desumano que tanto a administração quanto os demais prisioneiros dispensavam aos homossexuais, nos vários campos de trabalhos forçados que ele conheceu no cumprimento da sentença. Dizia também que a atitude das autoridades locais e a alimentação tinham melhorado, depois que seu caso se tornara conhecido no Ocidente.

Os amigos de Trifonov temem que ele não consiga sobreviver aos quatro anos de duro regime, nos campos de trabalhos forçados. Um deles enviou para fora do país uma carta em verso, que Trifonov escreveu em fevereiro de 1978 (**ver nesta página**). Sua mãe e seus amigos acreditam que a única maneira de ajudá-lo é dando a maior publicidade possível ao caso. Em função disso, vários jornais homossexuais da Europa, Estados Unidos e Canadá concordaram em publicar a presente matéria, além de sugerir que as pessoas enviem cartas de protesto às embaixadas e consulados da União Soviética, à Anistia Internacional e às organizações internacionais de escritores, como o Pen Club. (**traduzido da revista** Christopher Street", **por João Silvério Trevisan**)

Carta da Prisão

Recebi as cartas onde vocês,
tão gentis, me dizem que sou um poeta,
razão pela qual minha altíssima estrela
não vai se extinguir na escuridão.

Os bosques gelados, dizem vocês,
ficaram já embebidos da minha voz
e, de tão obedientes a estas mãos,
seguem o ritmo dos versos meus.

Vocês dizem também que me foi permitido
cantar, como ninguém, esse amor sem resposta
por aquele que resume nossas necessidades,
aquele que modela, inteiras, nossas vidas
tal como os galhos formam um jardim
tal como Deus nos beijaria os lábios
tal como a nevada beija o chão.

Ah! por ele é que eu clamo de noite.
Chamo seu nome, eu pássaro ferido,
a esse que não mais povoa meus sonhos,
sobre quem não mais falam meus versos.

Vocês me ajudam a responder.
E insistem que não devo desanimar:
"Aguente a barra, busque sobreviver."
Tento viver. Mas vida aqui não há.

Amanda Lear: uma "senhora"?

Louríssima, voz muito grave para uma mulher e sempre sorrindo ao lado do marido — um rapazola que mais parecia ser seu filho —, a cantora pop Amanda Lear mal conseguiu disfarçar para os presentes em março passado, no Chico's Bar, no Rio de Janeiro, onde lançou seu disco "Tomorrow", o jeitinho gay no falar e no gesticular. Sentada diante da chamada "crítica especializada", ela ficou mais de duas horas expondo sua beleza sensual, suas pernas de um brilho inacreditavelmente feminino, enquanto era bombardeada por perguntas que variavam da atividade musical às predileções de lazer, gostos musicais e o que achava do Brasil, que visitava pela primeira vez.

Para quem não sabe, Amanda Lear, 32 anos, nasceu em Hong Kong e começou a transar música profissionalmente em 1974, depois de descobrir com o artista plástico espanhol Salvador Dali, que "em tudo existe sexo, inclusive em disco-music." No entanto, sua fase de menina (ou menino?) não foi das mais felizes. "Estudava na Suíça, era alta, dentuça, e tinha complexos por causa disso" — lembra ela, enquanto acaricia os cabelos do distraído "marido".

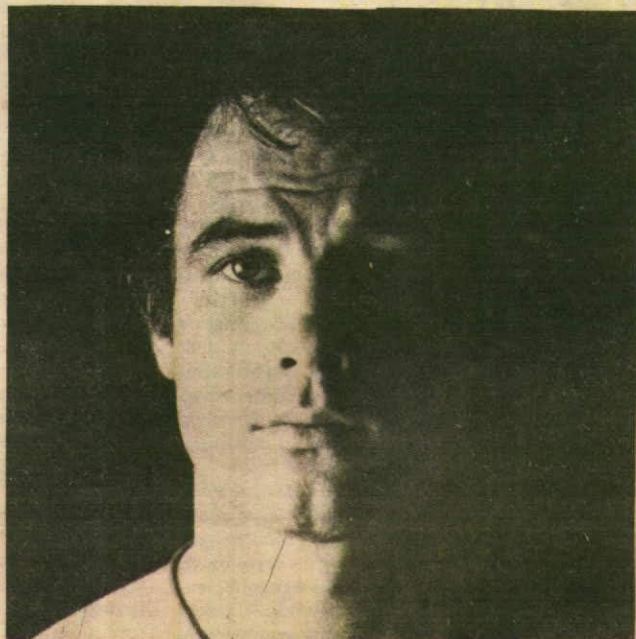
Mas sua alegria agora "nesta fase" explica o que na verdade ocorreu em termos de transformações na sua vida. De cara, Amanda repeliu as insinuações de que seria um homem, transformado em mulher após minuciosa operação. Olhando o release da sua gravadora, a RCA, ela não só desmentiu tudo, como acrescentou que o boato de que fora um dia homem não passava de uma bem bolada jogada da mídia da empresa multinacional, no sentido de aumentar cada vez mais a venda dos seus discos. Se traiu, porém, quando indagada por que escolheu fazer a campanha publicitária usando o jogo do sexo duplo, o que poderia, no futuro, estigmatizar sua carreira de "bem comportada lady do mais puro padrão londrino". "Existem vários tipos de histórias no show-business, mas nunca se falou numa cantora que já havia sido homem" — disse.

Amanda, à parte as confusões sobre sua verdadeira origem, reage normalmente a tudo. Gosta de samba, pinta e compõe algumas das dez músicas do quarto LP de sua carreira — os outros três lançados na Europa — recém lançado no Rio. "Tomorrow" — diz — "é um trabalho friamente criado para faturar a onda das discotheques, apesar de que é um ritmo do qual não gosto muito. Mas resolvi fazer concessões à máquina, e disso não me arrependo". E no futuro, quando esta onda acabar, você não teme ficar isolada musicalmente? — pergunto-lhe. "Claro que não! Meu público manterá fidelidade ao meu trabalho, tenho certeza" — responde, parecendo confiar muito na estratégia de mercado oportunista, de faturar somente em cima do gosto fácil, da receita certa de sucesso.

Para o ano que vem ela promete vir para o carnaval. Quer conhecer de perto o brasileiro nos quatro maiores dias de descontração. Quer, inclusive, transar mais com as pessoas, ouvir o ritmo quente do samba brasileiro, que, desta vez, muito presa ao esquema promocional da RCA, ficou impossibilitada de conhecer. Lamenta não saber mais nada do Brasil, mas elogiou muito nossa juventude. "Se não fosse casada, ficaria mesmo por aqui" — disse. E completou: "Eles, realmente, são maravilhosos". Ela terá oportunidade de repetir os elogios quando retornar ao Brasil brevemente, segundo disse, "para uma visita ao Dr. Pitanguy".

Jorge Aquino Filho

Os lábios da nostalgia

*Atenção, pessoal que já entrou na casa dos "enta": lembram-se de Marlon Brando em **Uma Rua Chamada Pecado?** Pois consolem-se, que os lábios de Stanley Kowalski, trinta anos depois, encontram substitutos à altura na pessoa do boneco acima: Brad Harris, astro de **Expresso da Meia-Noite**, um filme quentíssimo contra o preconceito e a intolerância que estará sendo lançado no Brasil por estes dias. O rapaz passa por um sufoco terrível numa prisão da Turquia, sob a mira de um carcereiro meio puxado para o sadomasoquismo, e quando a gente deixa o cinema, levar consigo várias certezas; uma delas é que não se pode dar tréguas ao inimigo, na luta contra a discriminação e o preconceito; outra é que o ator, tão bem escolhido para viver o papel no filme de Alan Parker, vai muito longe...*

Ney Matogrosso sem bandeira:

Fotos de Lewi Moraes

— Liberação? Cada um cuide da sua

A entrevista foi numa casa bucólica da Rua Itaipava, no Jardim Botânico. E transcorreu num entardecer deste último — e ameno — verão carioca, enquanto um rapaz enorme, moreno e de fartos bigodes, que regava as plantas do jardim, endereçava, a intervalos, sofridos suspiros às pessoas reunidas em torno do gravador. A casa era a sede da WEA, a gravadora do entrevistado. Além deste, lá estavam Antônio Chrysóstomo, José Fernando Bastos, Mário Vale, Alceste Pinheiro e Aguinaldo Silva, os entrevistadores. Todos, a certa altura, retemperados pela interrupção provocada por Zezé Mota, que chegou, cercada daquela aura de bondade que a protege, deu um beijo em cada um e se foi, como uma feiticeira-madrinha que abençoasse a ocasião.

Em meio a tanto clima, nem é preciso insistir: a entrevista foi mágica, como os leitores verão: abrangeu temas que vão da popular e fálica banana à anistia ampla, geral e irrestrita, bem ao gosto do espírito anárquico de LAMPIÃO. No fim, uma conclusão geral: o importante em nossa luta comum — do jornal e de pessoas como o entrevistado —, é que se deixe bem claro que cada pessoa deve fazer sua própria cabeça, de acordo com o caminho que ela mesma escolheu; qualquer outra coisa seria pura violência.

Chrysóstomo- Há uma entrevista que você deu a *Isto É* na qual tem uma resposta que soou bem polêmica, meio estranha; você dizia a certa altura, respondendo à pessoa que o entrevistou, que achava mais importante perguntar a um artista o que ele é como artista, o que ele faz como artista, ao invés de perguntar se ele é homossexual. Porque o artista, segundo esta sua resposta veiculada pelo *Isto É*, seria mais importante, viria em primeiro lugar que o fato de ele ser homossexual.

Ney — não me lembro da resposta porque foi um papo enorme, inclusive muito cortado. Eu me lembro disso; a resposta estava meio confusa, mas em síntese o que eu penso é isso mesmo: acho que interessa ao público a pessoa pública, e não a pessoa particular. O que eu faço na cama só interessa a mim, não tem nada a ver com outras pessoas. O fato de eu ser ou não homossexual é uma coisa que só interessa na medida em que estimula a fantasia das pessoas. Eu acho que é um problema meu.

Chrysóstomo — Mas não acha que em certo tipo de artista, principalmente nos que têm um comportamento cênico como o que você tem, as duas coisas têm o mesmo peso?

Ney — Não. Porque quando estou no palco tenho a minha colocação cênica, que é um pouco ousada, reconheço; mas antes de mais nada sou cantor, estou ali para cantar, e o que eu quero é cantar cada vez melhor.

Chrysóstomo — Você reconhece que, de certa forma, recuperou a frescura...

Ney — Entre aspas.

Chrysóstomo — Claro, a frescura no bom sentido - afinal de contas, trata-se de uma entrevista para o LAMPIÃO; você reconhece que deu uma certa estética à frescura?

Ney — Olha, quando eu estou no palco não tenho preocupações com frescura ou não-frescura, nenhum problema com masculino ou feminino. Procuro é fazer uma coisa harmônica. Pra mim, desde que seja harmônico, desde que pareça bonito, é o que me interessa. A partir disso, eu acho que essa "frescura" está sendo admitida, mas a intenção não é a frescura; é a harmonia mesmo.

Aguinaldo — Como é que você chegou a este "comportamento cênico"?

Ney — Eu não sei. Foi uma coisa que veio se desenvolvendo normalmente. Começou com os Secos & Molhados agressivamente. Porque minha colocação com os Secos & Molhados era a seguinte: todos eram instrumentistas, menos eu, que só cantava. E eu não queria ser "crooner," só chegar e ficar cantando, porque isso não me interessava. E eu vinha de teatro, já tinha assim uma noção de palco e de teatro, que era muito maior do que chegar e ser "crooner", sabe? Eu queria usar o palco com todas as possibilidades que ele permite, que ele oferece; estava preocupado com a magia do palco. Assim, com Secos & Molhados comecei a usar isso agressivamente, porque sabia que era uma coisa que ia de encontro a certos padrões e que, se eu não fizesse agressivamente, não sobreviveria, ia levar pedrada logo de cara. Mas hoje em dia eu não faço mais isso agressivamente, hoje em dia já tenho certeza que o meu trabalho, além de qualquer outra coisa, é aceito.

Alceste — Mas você não acha que seu trabalho foi absorvido muito rapidamente? Quer dizer, essa absorção veio desde o começo, desde o tempo dos Secos & Molhados, a ponto de — o que acho muito positivo — a sua imagem entrar nos chamados lares, através da televisão, e todo mundo achar muito natural a sua postura cênica.

Ney — **Não, eu acho que no começo as pessoas ficavam um pouco chocadas. Depois elas passaram a achar natural.**

Alceste — Eu penso que é porque você dava um padrão de fantasia à coisa. Você vê, o fato de Caetano Veloso rebolar no Teatro Municipal causou muito mais espanto...

Ney — **Ou o fato dele usar batom. Porque eu já conversei com Caetano sobre isso uma vez; ele me disse que usava batom para agredir, e eu uso batom porque acho bonita uma boca pintada. Quer dizer, são duas formas de usar batom.**

Alceste — Pois é: é um negócio mesmo ao nível de fantasia. Quando Caetano usou batom ele queria agredir ao nível da realidade; já a sua agressão é ao nível da fantasia.

Ney — **É isso aí. Porque eu tenho uma noção de palco muito forte. Então se uso batom e pinto o olho é porque sei que no palco, sob determinada luz, um olho e uma boca pintados fazem o efeito que eu procuro.**

Alceste — Pois então: esta sua agressão ao nível da fantasia é muito mais fácil de ser absorvida pelo público que a agressão ao nível da realidade de Caetano.

Chrysóstomo — E como é que você acha que esta sua fantasia, já que ela foi absorvida, atua sobre as pessoas?

Ney — **Engraçado: eu percebo que para esse público que vai me ver agora — não sei se é por causa da época de férias, quando tem muita gente de fora, muito turista no Rio — percebo que esse público ainda fica um pouco chocado comigo. Eu acho estranho, porque mesmo no interior as pessoas já não se chocam mais.**

Chrysóstomo — Mas no princípio, houve uma época em que você chegou a receber agressões.

Ney — **Sim, claro, mas aí respondi à agressão da maneira que recebi.**

José Fernando — Existe uma tendência muito grande para rotular os artistas. Por exemplo: Sidney Magal é um cantor cafona; Roberto Carlos é um cantor que agrada a outra geração; esse grupo da discoteca agrada a um público de 15 a 18 anos. Quanto a Ney Matogrosso, nas filas para o Teatro Alaska há desde garotinhos a casais de 60 anos...

Ney — **Pois é: o público é muito, muito, heterogêneo; é difícil de entender.**

Chrysóstomo — E como é que você sente o espanto desse público? Quer dizer, quais são os momentos-chave dele?

Ney — **Olha, no *"show"* tem uma hora que eu pego uma banana; é um momento de humor. Eu descasco a banana com muito clima, todo mundo fica pensando o que é que eu vou fazer com a banana, e de repente eu meto a banana na boca, tiro um pedaço dela e começo a mastigar, sabe? Porque tudo aquilo é pra descascar a banana e comê-la. E as pessoas ficam muito chocadas, porque não sabem o que eu vou fazer com aquela banana. Eu sinto que as pessoas ficam muito tensas até eu mastigar a banana. Quando mastigo, elas começam a rir.**

Chrysóstomo — E qual é o uso que você dá a essa banana? Por que essa banana aparece em cena?

Ney — **Porque o *"show"* tem muito que ver com banana, tem muitas bananeiras, eu abro o *"show"* cantando "*Yes, nós temos bananas*", depois, no "*Vendedor de bananas*", eu desço para platéia com um cesto de bananas, tudo muito tropical mesmo, muito ligado a essa coisa da gente, tá?**

(Considerações gerais sobre a banana; todos falam ao mesmo tempo, cada um como se tivesse nas mãos uma delas, e enorme. No final, ouve-se principalmente um adjetivo: "fálico"; alguns rabinhos de frase, a seguir, deixam bem claro que todos estão de acordo sobre as virtudes da fruta.)

José Fernando — ...As pessoas ficam pensando em coisas passadas.

Aguinaldo — ...Numa situação fálica.

Ney — **Pois é. Elas ficam pensando que eu vou fazer "qualquer coisa" de terrível com aquela banana. Na hora em que eu meto a banana na boca, tiro um pedaço e começo a mastigar, aí elas se descontraem e começam a rir; vêem que não é nada do que elas pensaram.**

Chrysóstomo — É: esse negócio de banana é ótimo. Eu vou propor na reunião do Conselho Editorial de LAMPIÃO que a gente crie o troféu banana.

Aguinaldo — Eu voto a favor.

Ney — **Não existe nada mais representativo, nosso, do que uma banana, e ao mesmo tempo ela é uma coisa muito dúbia, muito fálica, como o batom é um símbolo fálico.**

Aguinaldo — Agora esse espanto das pessoas de 60 anos eu acho que não é tão espanto assim não...

Ney — **Olha, o espanto não é das pessoas de 60 anos, nem dos adolescentes: é da geração intermediária.**

Aguinaldo — Ih, a geração que acabou de fazer quarenta anos? Essa é terrível. Mas eu acho que as pessoas de 60 anos não ficam tão espantadas assim porque eu me lembro que no outro **show**, no Teatro Carlos Gomes, havia um número em que você descia até a platéia cantando um samba. No dia em que eu vi, você sentou no colo de um senhor de uns 60 anos; você estava muito suado, e então ele tirou o lenço do bolso e começou a enxugá-lo. Eu achei aquilo maravilhoso, porque foi uma coisa tão carinhosa, tão paternal...

Ney — **É. Não era uma coisa homossexual; era uma coisa de carinho mesmo, de proteção, porque ele viu que eu estava me acabando de suar.**

Alceste — Eu acho muito importante isso que você colocou: dizer que quem se choca com você é o pessoal dessa geração intermediária. Porque o pessoal que veio antes deles tinha toda uma experiência nesse nível: era Carmem Miranda, o teatro de revista...

Ney — **Pois é. Essa geração intermediária é que perdeu o contato com esse tipo de coisas. E a geração mais nova não tem grilos, não fica chocada facilmente.**

Chrysóstomo — Você uma vez me disse que se expunha, mas sabendo que um dia poderia haver até um problema, uma amolação. Você poderia enfrentar uma platéia machista no pior sentido da palavra...

Alceste — Uma platéia argentina...

Ney — **E continuo correndo o risco. Por exemplo: um dia desses, pela primeira vez, uma pessoa se levantou da platéia indignada, e eu vi que ela estava indignada. Era um casal, e o homem levantou, abandonou a mulher lá na platéia e foi embora, puto da vida. Quer dizer, essa pessoa poderia ter tomado outra atitude em vez dessa, não é? É um risco que estou correndo o tempo todo. E foi exatamente depois desta cena da banana. Quer dizer: ele não percebeu o humor da coisa, sabe?**

Alceste — Ele ficou indignado porque você **só** comeu a banana; ele queria mais.

Ney — **Eu acho é que, para ele, aquilo tinha outro sentido. Inclusive, o fato de eu ter colocado a banana na boca deve ter ofendido muito os princípios dele, porque ele não levou pelo lado engraçado, mas sim, pelo lado sério, que não era a minha intenção.**

Chysóstomo — Você acha que todos nós que estamos engajados nesse movimento de liberação das pessoas, de liberação inclusive das preferências sexuais — e é bom frisar bem o **inclusive** —, você acha que todos nós estaríamos correndo um risco?

Ney — **Correr um risco eu acho que todos correm. A partir do momento em que você opta por um estilo de vida, você tem que arcar com esse estilo de vida sempre. E o risco existe porque**

(*Continua à página 6*)

- Uma alma livre: é isso o que eles vêem

você não vai satisfazer a todos. Quer dizer, você não tem que dar satisfações a ninguém, mas pessoas cobram uma satisfação no sentido de que você tem que corresponder ao que elas querem, ao que a sociedade teoricamente exige das pessoas, teoricamente porque ela não corresponde, ela exige mas não dá o exemplo — quer dizer, ela dó o exemplo, mas hipocritamente, às vezes ela nega tudo o que ela prega. Bom, viver já é correr um risco, sabe? Então o negócio é viver honestamente com você, sem aceitar imposições, venham de onde vierem.

Alceste — Você acha que deu alguma contribuição para essa luta pela liberação das pessoas? Acha que sua atitude como artista contribui pra isso?

Ney — **Creio que sim. Não posso assegurar em que sentido isso atinge as pessoas. Porque, note bem: não estou querendo transformar ninguém. Não estou dizendo, "olha, gente, eu sou assim, e isso é que é o certo, o correto". Eu não tenho a menor intenção de fazer isso porque acho que o correto pra cada um, cada um vai ter que descobrir qual é. Agora eu me dou o direito de me mostrar pras pessoas, sabe? Eu sou assim, dessa forma. Tenho o direito de existir dessa forma.**

Chrysóstomo — O que é que você chama de "essa forma"?

Ney — **"Essa forma" é a minha postura de palco, que não é uma coisa criada, não é um personagem, entendeu? É um lado meu que eu libero exacerbadamente. Sei que é uma coisa muito exagerada, porque por temperamento tenho um lado muito exagerado. Pode ser essa coisa do meu signo, Leão. Agora, também tem o outro lado: eu não preciso sair à rua daquela forma. Percebo que muita gente me espera ver na rua dessa forma. Me esperam até a hora de sair do teatro, e quando me vêem ficam até um pouco decepcionadas, porque não corresponde ao que aleas pensam.**

Aguinaldo — É, a gente até fez uma reportagem sobre a Galeria Alaska (vide LAMPIÃO nº 10) em que se falava sobre esse fenômeno: depois da sessão de teatro, aparecem na Galeria dezenas de "Ney Matogrossos". E quando você sai do teatro, não é mais "Ney Matogrosso", mas sim, Ney Pereira de Souza, um rapaz comum, que passa até despercebido.

Ney — **É, o pessoal espera que saia no mínimo com um papagaio na cabeça...**

Alceste — Eles não sabem separar o artista, o profissional, do homem que faz aquilo.

Ney — **Claro, porque é preciso compreender que o palco é a exacerbação da minha fantasia. Não há limite para a minha fantasia no palco. Fora dele, não, nem necessito de fantasia. Agora eu percebo que há muita curiosidade em me ver fora do palco, em saber se eu sou sempre daquela maneira. Ainda outro dia recebi uma carta — não sei se era de homem ou de mulher — em que dizia que eu usava uma armadilha para apanhar os incautos, porque no palco era um andrógino e na rua um homem...**

José Fernando — Você não acha que a notícia sobre você que mais chocou este público foi aquela segundo a qual você tinha um filho?

Chrysóstomo — Espera aí; explica que notícia é essa.

José Fernando — Saiu uma matéria dizendo que Ney tem uma filha de 18 anos, que ele nem conhece.

Alceste — Mas uma filha de 18 anos de idade? Então você é um rapaz prodígio! Quantos anos você tem?

Ney — **Trinta e sete.**

(Comentários sobre a idade do "estrelo". Todos pensavam que ele tinha bem menos. Ney explica que começou tarde)

José Fernando — Não é que a notícia tenha chocado as pessoas; digamos que elas ficaram surpresas. As pessoas se assustaram muito mais com essa notícia do que com o que você possa lhes apresentar em termos de arte.

Ney — **Eu entendo o que você quer dizer. É como se comentasse, "puxa, mas ele também ...?" Ora, as pessoas vão ter que entender que eu sou uma pessoa ampla, que não estou restrito a nada, que de reprente... Ué, gente, os apelos estão aí; se me tocam, eu vou procurar, quero saber de tudo o que está acontecendo. Se qualquer coisa me atrair, eu vou pra saber o que é. Esse tipo de preconceito eu não tenho não, sabe? claro, as pessoas querem me limitar, querem dizer, "daqui até aqui ele vem, daqui pra frente não pode mais"; agora eu vou é onde sentir vontade.**

Chrysóstomo — Sim, as pessoas têm o mais amplo e irrestrito direito de ser o que elas quiserem. Mas apesar dessa amplitude, você não acha que está comprometido com a imagem homossexual?

Ney — **Comprometido, não. O único compromisso que eu tenho é com a minha vida. Eu não sou estandarte de nada. O que eu mostro pras pessoas é um indivíduo livre, uma alma livre. Se a**

Ney: de frente, Aguinaldo (de óculos) e José Fernando; de costas, a partir da esquerda: Alceste e Mário Vale ; de perfil, Chrysóstomo

minha vida pode ajudar outras pessoas, se o fato de eu me expor como me exponho pode ajudar outras pessoas, tudo bem. Agora não me coloquem estandarte nas mãos de jeito nenhum, pelo amor de Deus, porque eu não arco com nenhum deles.

Chrisóstomo — O que é essa forma de expor o que você se refere tanto, esta sua "maneira de ser"?

Ney — **Gente, uma pessoa com a vida mais exposta do que eu impossível. Minha vida não tem mistério pra ninguém, sabe? É tudo muito claro, desde o começo sempre fui muito claro. Sempre disse todas as coisas que me perguntaram. Agora só de um tempo pra cá é que as pessoas podem publicar essas coisas. Eu sempre disse. Essas coisas que as pessoas lêem e de repente ficam chocadas, como aquela entrevista da** "Interview". **Aliás, eu achei o título que eles deram de uma babaquice.. Uma coisa tão apelativa...**

Aguinaldo — Como é mesmo que foi? "Eu nasci homossexual pra cumprir uma missão na terra".

Chrisóstomo — Mas você disse aquilo?

Ney — **Foi um rabinho de frase, uma coisa que eu disse brincando, e que eles isolaram, deram uma importância que não tinha na entrevista. Ficou com uma carga tão séria, tão pesada, que eu, quando li, fiquei chocado.**

(Entra, Levy, o fotógrafo, com toda a sua parafernália. Arma tudo e começa a trabalhar. Mário Vale mostra o perfil, José Fernando faz uma cara de mormaço, Chrysóstomo cofia o bigode, Alceste assume um ar clerical, Aguinaldo finge que é Norman Mailer, Ney levanta uma mão, como se cantasse "Pecado Rasgado"; **plect,** o **flash** espoca)

Aguinaldo — Ney, voltando àquela coisa do choque inicial que foi a sua imagem: houve algum momento, naquele começo, em que você parou, pensou, e teve medo do que estava fazendo? Quer dizer, medo das conseqüências, etc.?

Ney — Não, eu tive medo de outra coisa. Tive medo porque... Bom, Mário Vale é a pessoa aqui que me conhece há mais tempo; eu sempre fui uma pessoa à margem, sabe? Uma pessoa que vivia de artesanato numa época em que ninguém vivia disso. De repente, pulava da margem para o centro de uma coisa toda que eu negava, na qual não acreditava, que é o esquema todo que está aí. De repente, pelo tipo de trabalho que eu fazia, estava exatamente no meio dessa engrenagem toda, e isso me encheu de medo, me tirou o sono, me dava pesadelo... Mas quanto ao que eu fazia, não; já fui preparado pra isso. Tanto que já fui caindo de pau, não é?

Mário Vale — Mas você nunca teve medo que seu sucesso fosse uma coisa passageira?

Ney — Não, porque eu acho que posso fazer outras coisas. No momento em que concluir que isso é uma coisa que já não está me agradando — está se repetindo, ficando chato,...

Alceste — Já pintou isso alguma vez? Pensar, "ai, que coisa chata não quero mais fazer isso"?

Ney — Não, porque por enquanto eu ainda gosto muito, pretendo fazer isso muito tempo ainda. Mas, por exemplo: este é o último "show" que estou fazendo por muito tempo. Vou gravar um disco em agosto, outro em agosto do próximo ano, e só em dezembro de 1980 é que vou pensar em fazer outro "show". Preciso de um tempo, quero um tempo pra mim: um ano sem fazer nada, pra viajar, pra ver coisas.

Alceste — Isso pode resultar numa mudança de imagem?

Ney — Olha, eu não faço essa parada pensando na imagem ou no público. Só obedeço a um anseio, a uma necessidade minha.

Chrysóstomo — Nesse tempo você interromperia o seu filão criador?

Ney — Ou quem sabe eu fosse enriquecer esse filão criador, que está se desgastando porque não consigo absorver nada, só estou fazendo coisas? Não tenho tempo de acumular nada, fico só gastando. Então, veja as críticas a este "show": as pessoas dizem, "ah, ele faz tudo muito bem, mas não renova nada". Realmente, eu não tive tempo pra renovar. Mal acabei uma coisa, já estou fazendo outra. Eu tive uma semana pra fazer este "show".

Chrysóstomo — Ney, além de ganhar dinheiro — claro, você é um profissional —, além de se expor, qual é a sua função enquanto artista? Sua função maior?

Ney — Ah, eu não sei qual é a minha função maior, sou uma pessoa muito intuitiva, não sou um intelectual, não cerebralizo nada, não paro pra pensar nessas coisas. Tem uma coisa que me estimula a fazer. Só espero que aquilo que eu faço seja de utilidade para algumas pessoas. Porque sabe o que acontece? Eu quando digo a vocês que me exponho, não me exponho apenas como artista, mas também como ser humano; eu digo muito às pessoas o que o ser humano, independente do artista, pensa, vive e acha das coisas: o que eu observei da vida. Porque sou uma pessoa muito atenta a tudo o que acontece ao meu redor. Então eu tenho que passar as minhas experiências. Sei que não posso transferir experiência, isso ninguém consegue. Mas eu posso dizer o que vivi, de que forma vivi, de que forma as coisas me chagam. Acho que é só isso que eu posso fazer. Não posso é transformar ninguém, nem dizer, "olha, gente, não faça isso, porque isso não dá certo", ou "faça isso". O que eu procuro é informar as pessoas.

Chrysóstomo — Como artista você seria mais ou menos libertário, Quer dizer, neste sentido que você acabou de expor.

Ney — Talvez sim. Porque estou mostrando que um indivíduo pode ser livre, que o espírito dele é livre, que apesar de todas as pressões o indivíduo tem o direito de existir como ele queira, desde que não interfira na vida do próximo. Quer dizer, eu quero ter todo o direito de existir; agora, quando percebo que estou no terreno de outra pessoa, sou incapaz de ficar impingindo coisas. Isso eu não faço.

José Fernando — Você acredita que existe uma tendência, de alguns jornalistas, de cobrar posição política do artista?

Ney — **Existe. Eu não acredito em política. Acho que política é luta pelo poder, e eu não tenho o menor interesse pelo poder. Você vê, eu tenho 37 anos, e desde Getúlio Vargas me lembro de política, mas nada mudou. Então, se eu não acredito em política, não vou me envolver numa modificação individual: a partir do momento em que o indivíduo se modifique, tudo se modificará. A partir do momento em que o ser humano respeite o próximo, em que deixe de explorá-lo, as coisas começarão a mudar.**

Aguinaldo — Mas o seu comportamento, quer você queira ou não, tem um significado político.

Ney — **Claro, mas é uma política existencial, não a nível de partidos, de luta pelo poder.**

Aguinaldo — Você falou que o que lhe interessa realmente é viver e passar sua experiência de vida às pessoas. E como é que você está vivendo atualmente?

Ney — **De repente eu tou lhe dizendo que vou dar uma parada porque eu não tenho muito tempo pra mim não, sabe?**

Alceste — Você é uma pessoa que não gosta muito de sair de casa, não é?

Ney — **Eu mal saio de casa. Mas gosto de ter pessoas dentro de casa, junto comigo. Então o trabalho interfere na minha vida no sentido de que — e pode parecer uma coisa muito careta dizer isso, mas é que sou muito profissional — eu quero estar bem à noite, pra fazer o** "show" **o melhor possível. Então vou dormir cedo para acordar bem no dia seguinte, fico vivendo um pouco no claustro, sabe? Eu me forço a isso. Saio do teatro, vou jantar em casa, porque aí já estou em casa. Depois, as pessoas ficam querendo Ney Matogrosso o tempo todo, quando eu não estou a fim. Por isso, acaba o** "show" **vou pra casa, porque eu entro e Matogrosso fica na porta.**

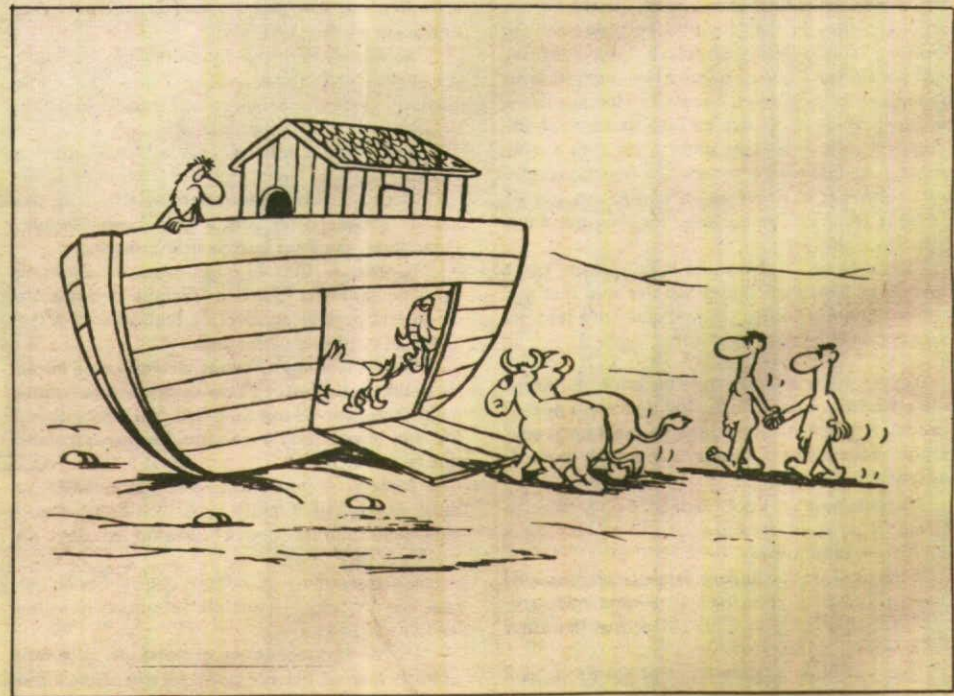
Alceste — E quem é que entra com você?

Ney — **Ninguém. Eu sozinho.**

Chrysóstomo — O que é que você acha de alguns artistas que pensam e agem como nós sabemos, mas que, na vida pública, cultivam uma imagem de machão, inclusive para vender disco e fazer novelas?

Ney — **Não estou aqui para julgar ninguém, cada um age como quer. Mas eu provei que isso não é necessário; que ninguém precisa cultivar uma falsa imagem para sobreviver como artista.**

Alceste — Você acha que isso é uma contribuição sua à vida do artista?

Ney — **Eu acho é que as pessoas têm que**

aceitar o artista, e não apenas o artista, mas o ser humano, como ele é. Ninguém tem que criar uma falsa imagem pra viver, pra sobreviver ou pra poder trabalhar melhor. Acho que o gosto sexual das pessoas não influi no trabalho que elas fazem, sabe?

Chrysóstomo — Não influencia talvez na recepção do trabalho.

Ney — **É isso: desde que você faça bem o seu trabalho, o público não vai se interessar se você dorme com homem ou com mulher, ou se você não dorme com homem nem com mulher. Quer dizer, acho que isso foi uma coisa falsamente criada.**

Aguinaldo — O que o público quer é aquilo que o artista faz no palco. O que este público imagina que o artista faz depois fica por conta da imaginação dele, apenas.

Ney — **Depois, no Brasil acontece aquele negócio: "foi artista é bicha". Então, esse tipo de preocupação é superado, porque parecendo ou não, para o público, "já é". Portanto... Eu, pessoalmente, acho que isso não interfere em nada, sabe? Quer dizer, não interfere na receptividade do trabalho. Mas há quem pense o contrário, e então fica vivendo uma vida falsa. Eu não arcaria com uma vida falsa.**

José Fernando — Você acredita que exista alguém capaz de querer passar uma cantada em você só pelo fato de ser o Ney Matogrosso?

Ney — **Claro, mas eu percebo quando é por causa do Matogrosso. Só como a pessoa chega já dá pra ver com quem ela está querendo transar. Se eu tenho interesse, faço o jogo. Se não...**

Aguinaldo — Você nota isso mais nos homens ou nas mulheres?

Ney — **As mulheres, quando têm tesão, elas deixam bem claro que têm tesão, e pra elas aquilo lá do palco não tem nada a ver, não interfere em nada, e se interfere é pra melhor. Já para os homens, o que acontece comigo no palco torna tudo mais fácil, porque eles acham que a partir daí podem chegar perto de mim e dizer tudo o que querem. E eu não estou nem ligando porque se me interessa, tudo bem, se não me interessa, também tudo bem. Eu não tenho falsos pudores: as pessoas têm o direito de se comportar como quiserem, e eu também tenho esse direito. Ou seja: se eu quiser, vou. Se eu não quiser, não vou.**

Chrysóstomo — Você nota que as pessoas gostariam de levar você pra cama com essas roupas que você usa no **show**? De bandidinho nazista, etc.?

Ney — **Sim. Muitas até me dizem isso. Já houve até quem dissesse que só iria pra cama comigo se eu estivesse todo suado e com a pintura, recém-saído do "*show*" Aí eu respondo que isso não vai acontecer nunca, porque quando eu saio do "*show*" estou tão cansado que me sinto incapacitado pra qualquer coisa.**

Alceste — Isso inclusive aconteceu com um amigo meu, que chegou até a transar contigo.

Agnaldo — E depois disse para os amigos, tá vendo só?

Alceste — Não, foi uma coisa pública!

Chrysóstomo — E como era o nome dele?

(Tumulto: Alceste diz que não vai dizer o nome do rapaz, porque a entrevista está sendo gravada. Mesmo assim, diz o nome bem baixinho; Ney comenta que ele "agora está casado, coitado", e a decisão é unânime: todos acham que o gravador deve ser desligado para que Alceste pronuncie, com toda a pompa possível, o nome do rapaz. Isso é feito, após o que o gravador é religado)

Alceste — Inclusive, essa figura, antes de te conhecer, sempre me dizia: "O único homem com quem eu transaria seria o Mick Jagger". Bom, ele não teve o Mick Jagger, mas teve você, e eu tenho certeza que você foi o único na vida dele. Nesse mesmo nível, isso se repetiu com várias pessoas que eu conheço: tua imagem no palco fazia com que essas pessoas, habitualmente machões, se sentissem mais à vontade pra transar.

Ney — **Bom, gente, curiosidade eu acho que existe dentro de todo mundo. De repente você está apto a transar com sua curiosidade, ou pode passar a vida inteira sem coragem pra isso.**

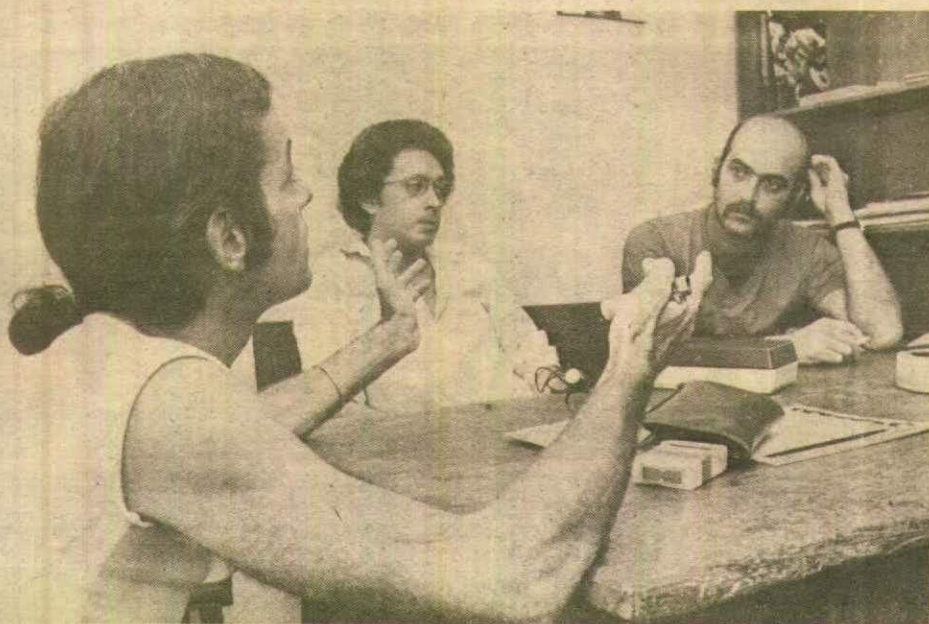
José Fernando — E já que nós estamos falando nisso, Ney, você podia dizer aqui em primeira mão, para o Brasil inteiro através do LAMPIÃO, qual o seu gênero...

Ney — **Eu vou dos 18 aos 88. Não é tipo físico: tem que ter, por trás da pessoa, uma coisa que me atraia; uma cabeça... Eu entendo perfeitamente isso de as pessoas dizerem que só iriam comigo; é porque é muito mais fácil para elas.**

Alceste — É, porque o relacionamento delas com você está no nível da fantasia.

Agnaldo — Ney, você viaja muito aí pelo interior. As pessoas que te procuram, como é que elas se comportam nestas cidades? Chegam assim a níveis de adoração, a dizer, "olha, você é muito importante pra gente", etc.?

Ney — **Me dizem, e eu acho legal ouvir isso. Embora, como já disse, eu não queira ser jamais**

Pessoas histéricas me deixam muito tenso

José Fernando (o do olhar de mormaço, à direita), Aguinaldo e Ney

estandarte de nada — porque se eu pegar um estandarte estou limitado, e não quero ser uma pessoa restrita a um campo, quero ser uma pessoa ampla —, eu acho um barato quando alguém me diz, "ah, porque você me ajudou, porque eu tive coragem", quer dizer, ajudei indiretamente, porque a pessoa de uma forma ou de outra já chegaria a isso. Agora eu não incito ninguém a nada. Quem sou eu pra dizer o que uma pessoa deve fazer?

Chrysóstomo — E o que é você ouve mais, dessas pessoas?

Ney — **Bom, tem aquelas pessoas histéricas, que me deixam muito tenso: chegam com aquela história de "maravilhosa, não sei o que", eu não gosto. Porque eu sou muito tranqüilo; então, quando percebo uma reação histérica, issso me deixa mal; de repente, nem sei como corresponder a isso, e fico muito tímido. Aí eu nem sei como isso se reflete nessas pessoas, porque na verdade elas esperam é que eu seja três vezes mais históricos que elas. Tem também aquelas pessoas que chegam com muita curiosidade; tem as que chegam com todos os flancos abertos, esperando ser atacadas (e eu não ataco ninguém). Tem aquelas que chegam pensando, "eu sou bonito e ele vai me querer".**

José Fernando — Ora bolas, mas a estrela é você!

(José Fernando faz uma cara de **amante latino** em direção a Ney. Mil risadas)

Aguinaldo — E chegam perto de você pessoas incrivelmente articuladas, que fazem verdadeiros discursos políticos?

Ney — **Ah, sim. Um dia desses chegou um dizendo que era psicólogo, queria me fazer um estudo; eu pensei, "estudo, meu Deus do céu, que horror!" Eu me senti assim um ser extraterreno...**

José Fernando — Você já teve problema em alguma cidade? Alguém que quisesse impedir você de cantar, etc.?

Ney — **Não. Só no Recife, no** "show" "Bandido", **eles queriam cortar o** "strip-tease". **Mas aí eu mesmo estava bancando o espetáculo, não havia intermediários, e então eu disse que ou fazia tudo ou não haveria espetáculo. "Eu tenho o direito de parar tudo e ir embora, e tenho o direito, também, de dizer para o público porque estou fazendo isso". Aí eles não cortaram. Aliás a discussão começou porque eles disseram que, no Sul, coisas como aquele** "strip-tease" **passavam pela Censura porque as pessoas já estavam preparadas para isso; já no Recife era diferente. Então eu disse: "Olha, eu acabei de fazer esse** "stripe-tease" **no Piauí durante uma semana...**

Aguinaldo — E depois disso o Piauí continuou exatamente como estava; quer dizer, você não afetou em nada os costumes locais.

Ney — **É isso aí. De qualquer maneira, o meu contato com a Censura não chega a ser muito difícil, porque eles esperam de mim outra coisa; afinal, eles também têm suas fantasias. Mas quando me vêem assim, igual a eles, fica tudo mais fácil.**

Aguinaldo — Isso aconteceu conosco em nossa aventura policial recente. Nós notamos que o pessoal esperava que os editores do LAMPIÃO fossem assim, cataplum!, aquela coisa bichal, espantosa. E aí, como nós todos somos rapazes muito bem comportados, foi aquela decepção.

Ney — **Foi bom você falar: como é que está a situação? Eu soube que vocês estão sendo processados.**

Aguinaldo — Ainda não é processo; é apenas um inquérito, igual ao que existe contra a revista **Isto É** e contra a **Interview**. Só que o pessoal do **Interview** mantém o assunto no maior segrêdo, como se o silêncio, nestes casos, pudesse ajudar alguma coisa... O motivo é sempre o mesmo: "ofensa à moral e nos bons costumes". Ou seja: os "bons costumes" dos Lutfalla, dos Abdalla e dos Grupos Lume da vida estão ameaçados porque há pessoas, como as de LAMPIÃO, que preferem fazer jornal, em vez de dar golpes na praça...

Chrysóstomo — eles dizem que a gente está incitando as pessoas ao homossexualismo...

Aguinaldo — Mas é como o Ney disse: ele não incita ninguém a fazer coisa alguma ; é o nosso caso; pensar que nós estamos incitando alguém a fazer alguma coisa é nos dar um poder que nós absolutamente não temos; é aquele negócio de o dr. Silvana querer dominar o mundo, é coisa de história em quadrinhos...

Ney — **Ninguém tem esse poder!**

Alceste — Uma curiosodade minha: o que está escrito nos bilhetes que as pessoas te entregam nos **"shows"**? Você guarda aqueles bilhetes?

Ney — **Oitenta por cento das pessoas pedem fotos; uns vinte por cento dizem loucuras; coisas absurdas. Não gosto de dizer o que elas escrevem nos bilhetes, porque é uma coisa muito particular, das pessoas. Mas tem coisas assim: uma vez eu recebi um bilhete de um cara; ele dizia que estava assistindo o** "show" **com um absorvente na cueca. Eu achei isso uma coisa tão louca!**

(Nessa altura a entrevista dá uma guinada: ninguém sabe exatamente porquê, todos começam a falar sobre Emilinha Borba; Chrysóstomo, José Fernando e Ney fazem declarações de amor a Emília. Aguinaldo chama todos à ordem, após cantar a primeira estofre de "Cachito mio".)

Mário Vale — E cartas agressivas, você recebe?

Ney — **Não. São todas muito bem humoradas.**

Aguinaldo — É, mas o Jornal do Brasil um dia desses publicou a carta de um leitor que atacava você, por causa de suas aparições na tevê.

Ney — **É, isso o Jornal do Brasil publica Agora uma entrevista comigo, não.**

Aguinaldo — Mas quando começou a confusão policial com o LAMPIÃO, nós fomos procurar a solidariedade dos coleguinhas da grande imprensa. No JB, eles nos disseram que havia uma ordem superior: não se pode falar em homossexualismo no Jornal do Brasil. "Até proibiram a publicação de fotos do Ney Matogrosso!" Foi o que eles nos disseram. Agora eu acho que neste caso quem tem problemas não são os homossexuais, e sim, alguém na direção do Jornal do Brasil...

(Outra vez a entrevista muda de direção. Ney começa a falar das platéias que enfrentou. Comenta um **show** em Santos, em que um grupo o chamou de "bicha", e em que a platéia, dividida, acabou brigando por sua causa)

Ney — **Agora tem um lugar, em São Paulo, onde eu nunca mais porei os pés: é o Curso Objetivo, um lugar de débeis mentais, de filhinhos de papai irresponsáveis, de imbecis, porque me pagaram muito bem pra fazer um "show" lá, e depois não me deixaram cantar. E isso não foi só comigo não, porque era o festival de música deles e eles não deixaram um só colega cantar: ficavam jogando bolinhas de papel. Quando eu entrei no palco, choveram bolas de papel. Aí eu virei a bunda pra cara deles e fiquei remexendo durante uns dez minutos. Depois cantei cinco músicas e fui embora.**

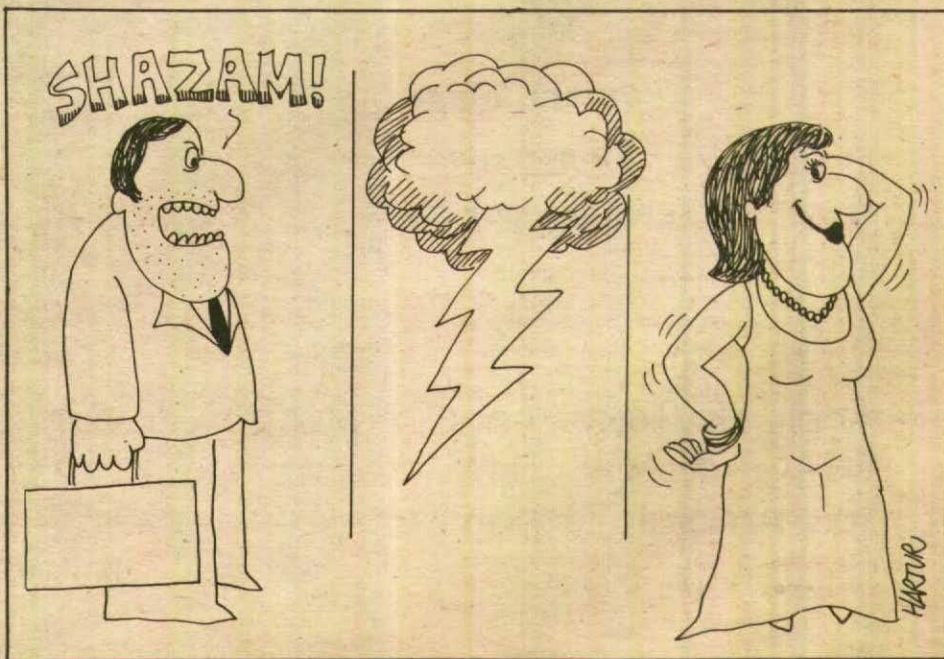
Alceste — E a história do presídio?

(Surge uma discussão: Ney diz que não foi beliscado pelos presos, no famoso **show** no Presídio Lemos de Brito; Chrysóstomo, que contou a história na revista **Veja**, insiste: "Foi beliscado, sim". Ney protesta: houve abraços e agarrões; beliscado, nunca. Os dois não chegam a um acordo, mas riem muito dessa história toda)

Chrysóstomo — Mas a platéia presidiária te interessa de alguma maneira especial?

Ney — **Não, eu não tenho interesse nessa coisa de reação deles, eu tenho interesse humano neles, porque são pessoas que não podem sair de lá mas também têm direito de ver coisas. Agora é muito complicado fazer um show pra eles, porque sempre é de graça, mas essas coisas têm um custo de produção. Da outra vez foi num festival de música do sistema penitenciário. Fizeram uma eleição entre os preços para saber que artista de fora eles queriam convidar, e o escolhido fui eu.**

Aguinaldo— Os presos políticos também viram o **show**?

Ney — **Não. Eu perguntei se eles estavam presentes, me disseram que não. Pedi pra ter um contato com eles, pra fazer um "show" só pra eles, me disseram que não podia. Foi tudo muito bacana: no final, me ofereceram uma mesa de doces e guaranás. Os presos me procuravam para dizer coisas, um deles me impressionou porque chegou e disse assim, "olha, eu tou aqui preso, mas minha cabeça é livre, ela voa longe; ninguém pode prender minha cabeça". Já pensou? Aguentar aquela barra da prisão e ainda pensar assim? E depois, o que eu ouvi um preso dizer na televisão quando entrevistado, valeu muito mais o preço de um "show", pra mim; ele disse que me curtia muito porque para ele eu significava a liberdade. Mas uma liberdade muito maior.**

Um filme para entendidos

SINCROCINE apresenta

nos Embalos de IPANEMA

um filme de ANTONIO CALMON

Toquinho aluga o seu amor e cobra por hora

André de Biase Angelina Muniz Zaira Zambelli Ronaldo Santos
PAULO VILLAÇA SELMA EGREI ROBERTO BONFIM GRACINDA FREIRE
Yara Amaral Stepan Nercessian Jacqueline Laurence Mauro Mendonça
Suzy Arruda Flávio São Thiago

fotografia ROBERTO PACE
direção de arte CARLOS PRIETO
montagem MANOEL OLIVEIRA

uma produção de PEDRO CARLOS ROVAI

Fotos de Ana Vitória

No Rio e São Paulo, mulheres em assembléia

Contra o mito do sexo frágil, em busca do próprio caminho

— "O cotidiano da mulher é a violência" — declaração de uma mulher anônima no encerramento do Encontro Nacional de Mulheres (Rio). — "Amor e paz são os sentimentos que predominam no sexo feminino" — tirada de uma dirigente do CMB na abertura do encontro.

O conflito desses pontos de vista deixa claro que há um estado de grande confusão teórica e prática dentro do movimento feminista brasileiro. Mas nem por isso esse movimento é menos importante; e ele está bem vivo e se debatendo, na desesperada tentativa de adquirir uma dinâmica própria, como veremos a seguir. A confusão, como disse uma socióloga, não existe só nele, mas em toda a estrutura na qual está inserido.

Lélia Gonzales (esquerda) e Santinha

A deputada Heloneida Studart

Sandra (esquerda) e Malu

Branca Moreira Alves

Senhoras no auditório

Cida, dona de casa paulista

Entre as flores de retórica da Deputada Heloneida Studart e as rosas vermelhas oferecidas às participantes, o Centro da Mulher Brasileira do Rio abriu no dia 8 de março seu primeiro Encontro Nacional de Mulheres, no Centro Cultural Cândido Mendes, em Ipanema, o que lhe valeu imediatamente uma corajosa mensagem de censura da Associação de Moradoras da Vila Kennedy (ex-faveladas), que perguntava por que o CMB fazia seu encontro em lugar tão distante da Zona Norte e das populações mais pobres da cidade.

Essa não foi a única censura feita ao encontro e ao CMB. Muitas outras correram em voz baixa pelo sexto andar do Centro Cândido Mendes, onde, num auditório de 150 lugares e nas várias salas de reuniões de grupos debateram e ouviram durante quatro dias as 347 mulheres inscritas. Para um observador interessado pela causa como eu, a impressão que ficou dos debates, é a de que houve ali uma reunião feminina e não feminista. Isto é, mulheres se encontraram para tratar de temas gerais, mais ligados à polícia nacional — uma das monções aprovadas é a de que devem ser criados departamentos femininos no MDB —, ao arroxo salarial e à desigualdade salarial entre homens e mulheres, no trabalho noturno e, pairando acima de tudo, à luta por uma anistia ampla, geral e irrestrita. O segundo grande tema que mais veio à baila, este sim específico, foi o da

Falta de creches. Em nenhum momento a palavra "machismo" foi pronunciada no microfone por quem quer que fosse. Ao contrário, os poucos "companheiros" presentes foram homenageados em grande estilo por Heloneida Studart, que pediu aplausos para "esses mutantes, os novos feministas, os homens".

Em sexo também quase não se tocou, muito menos em prazer ou orgasmo. Fora uma congressista que iniciou sua intervenção dizendo que os homens pensam que "somos uma vagina ambulante", apenas um grupo de 21 mulheres lançou um documento abordando, entre outras coisas, a libertação do corpo, mas sofreu logo forte oposição de representantes paulistas da periferia e de donas de casa, "não estavam ali para tratar de tais assuntos, mas da luta maior", isto é, a luta pela democracia. O documento das 21 mulheres também foi criticado por se referir a problemas internos do CMB, com o que as delegações dos oito Estados presentes "nada tinham que ver". Na verdade, esse corajoso grupo de mulheres estava criticando o CMB numa questão de importância fundamental para o movimento feminista como um todo, que é a do autoritarismo, do elitismo e das chamadas "lideranças naturais". A questão está presente em todas as atividades da vida brasileira e o documento não era de dissidência, mas uma reflexão e uma advertência. Isso parece não ter sido entendido, ou aceito, e a reunião seguiu seu curso cheia de altos e baixos, com muitos discursos irrelevantes e sem sentido dentro de um contexto feminista.

O que não quer dizer que não tenham sido feitos depoimentos de importância. Edyla Mangabeira Unger, representante da União Brasileira de Mães, foi uma das que acertou no alvo ao relatar com emoção o desespero das mulheres que tiveram seus filhos desaparecidos ou presos. Ela falou da dignidade e da grandeza das mães que lutaram com todas as suas armas, algumas até a morte, como Zuzu Angel, pela restauração dos conceitos civilizados de justiça. A socióloga Lélia Gonzales, num outro extremo desse vasto espectro que pode ser a luta da mulher, discorreu com objetividade sobre o problema da mulher negra e, por associação, de toda a raça. "Eu tenho a experiência concreta da cor", disse. "Quanto mais crioulo é o cara, maior é a repressão. Eu tenho a consciência dessa discriminação, mas o negro em geral, que nem atingiu a situação de operário, não a tem".

Por incrível que isso possa parecer, contra Lélia Gonzales foi levantada imediatamente a suspeita de revanchismo. Uma representante das donas de casa de São Paulo ergueu-se para afirmar que não se podia separar negros de brancos, ou periferia de cidade, já que a luta tinha de ser geral. Por sua vez, uma outra paulista disse: "Meu marido era burguês, loiro e economista e morreu nas mãos do delegado Fleury. A repressão não respeita ninguém". Lélia replicou afirmando que "a classe operária tem preconceito contra o marginal" e que "unidade não significa encobrimento dessa situação".

DIFERENTES DISCURSOS

Um universo rico de contradições, é certo, mas também algo hesitante e cheio de tabus. Como se viu, o tema *mulher negra* ouriçou ponderável e articulado segmento. A palavra menstruação, pronunciada uma única vez, revelou uma platéia pudica e nervosa, que riu baixinho, como se o pecado em pessoa tivesse entrado na sala. Sobre prostituição não se fez uma única referência e em lesbianismo naturalmente não se tocou. Eram temas tacitamente proibidos.

No entanto, o pequeno grupo citado acima tentou mudar esse direcionamento dos debates apresentando e denunciando uma pesquisa sobre a mulher que tratou apenas de trabalho, democracia e anistia, sem falar em sexualidade. "A luta pela liberação do corpo é uma questão política", disse sua porta-voz. "A luta pela sexualidade livre não é pequeno burguesa, como afirmam, mas revolucionária". Monocórdica, a Associação de Donas de Casa de São Paulo contra-atacou pedindo a liberação da mulher como ser humano no quadro de três reivindicações básicas: 1) creches estatais; 2) equiparação salarial; e 3) luta contra o programa patronal de evitar a gravidez das operárias e de combate brutal ao alcoolismo.

Insisti em saber onde estavam as prostitutas, as empregadas domésticas, as faveladas, as mais oprimidas, o lumpemproletariado enfim das mulheres. As respostas foram evasivas: as prostitutas não tinha sido contatadas, as empregadas domésticas não tinham querido vir e duas faveladas apareceram, mas logo foram embora. Mulheres negras vi apenas três. E as lésbicas? Segundo uma integrante do CMB havia quatro participando de grupos e da mesa, mas nenhuma falou de seu problema específico. A que conclusão chegar diante de tal quadro? Que se tratou de uma reunião da alta classe média liberal aliada a algumas representantes da classe operária, ou seja, um microcosmo do pacto social brasileiro em evolução neste momento. Aliás, sinais dessa tendência estiveram bem presentes em todos os momentos: um certo matronismo, lampejos de autoritarismo, decisões às vezes apressadas para que a mesa conseguisse seus fins, toques de rispidez amplificados pelo microfone e uma afetividade mecânica, nem sempre genuíno o grande jogo da "democracia", em resumo. Será esse o caminho para o feminismo brasileiro?

AS OPINIÕES

Um dos cinco homens presentes, o diretor e ator João das Neves, gravou todo o encontro. Há um mês, ele com seu grupo, pesquisa em todos os níveis o dia-a-dia das mulheres para fazer um trabalho para o teatro. Sua opinião: "O movimento feminista, como todos os outros — o estudantil, o sindical e mesmo o homossexual — não representa realmente todos os setores. Neste encontro, por exemplo, as lideranças pertencem claramente à classe média, e falam por ela. Por isso foi importante a intervenção das operárias e donas de casa de São Paulo."

— Não há mulher, mas mulheres, assim como não há feminismo, mas feminismos. Estamos dentro da luta geral do povo brasileiro. A classe

(*Continua à página 10*)

permeia tudo. E cada classe tem seus problemas, inclusive de violência. Cada mulher tem a sua sexualidade. No Brasil, a pobreza liga tudo. A mulher tem de primeiro atingir a condição humana básica, para depois lutar para ser mulher. — Heloneida Studart.

Declaração de uma estudante de engenharia da Universidade Federal Fluminense: "O erro do movimento feminista é que não chega às classes mais pobres. Eu sei muito bem disso, pois passo todos os dias pela Praça XV e viajo nas barcas para Niterói."

— O movimento feminista do Brasil já tem um caráter importante no Rio e em São Paulo. O mais sério conseguido por ele até agora foi a criação de pequenos grupos, porque essa é a forma mais prática para se apresentar e debater as questões. Eles servem para a troca de experiências. A luta, no entanto, é unitária. O movimento deve ser o mais aberto possível. As mulheres estão conquistando aos poucos seu espaço. Graças a um programa de organização de base, já se conseguiu formar em Nova Iguaçu 70 células femininas, mas ainda não definimos a forma de contato com as comunidades de base da Igreja. A minha maior crítica ao CMB é a maneira hierarquizada com que ele está sendo dirigido, pois essa é uma forma de direção machista. O que mais está faltando é a autocrítica. — Branca Moreira Alves.

Conclusões de um grupo de estudo de 30 mulheres sobre feminismo:

Trata-se de um movimento essencialmente político, que não pode se isolar da sociedade na luta contra o sistema capitalista e patriarcal. Tem de buscar as relações horizontais e não autoritárias. As táticas mais adequadas para esse movimento são: 1) incentivar a criação de creches; 2) incentivar as associações de bairros para que assumam as reivindicações das mulheres; 3) lutar para que a contracepção seja decidida pelas mulheres; 4) incentivar, colaborar e criticar a imprensa feminista; 5) estimular o contato entre grupos feministas; 6) colaborar com o CMB para torná-lo um local de reflexão, aberto a todas as mulheres, e não ser apenas o organizador de eventos, e capacitá-lo para procurar a mulher em suas residências e no trabalho.

Exemplos da luta das mulheres operárias apresentados por uma participante do encontro:

1) As metalúrgicas paulistas lutaram e fizeram greve durante quase um ano. A consequência é que foram demitidas sumariamente. 2) Na fábrica De Millus, do Rio, houve uma explosão de ódio contra a violência da revista íntima. 3) No Rio, as trocadoras atuaram junto com os motoristas na greve de ônibus. Por isso foram humilhadas e insultadas nas portas das garagens. 4) Na fábrica Sousa Cruz, 80% dos operários são mulheres. Ali, além do problema do ajuste salarial, as mulheres estão lutando contra a violência da distribuição maciça de pílulas anticoncepcionais.

Conclusão: O fim da humilhação das mulheres representará o fim da ideologia da fragilidade.

ESTATÍSTICAS

O Encontro Nacional de Mulheres teve 347 participantes. Foram feitas várias perguntas por escrito. Aqui estão as respostas: 253, ou 73%, têm nível de instrução superior; 148, ou 43%, têm filhos, 184, ou 53%, não têm filhos, 15 não responderam; grupos de idade: de 26 a 30 anos — 24%, de 21 a 25 anos — 20%, de 31 a 35 anos — 17%.

Principais reivindicações pelo voto: 1) criação de creches em fábricas, bairros e comunidades; 2) quando a mulher desempenha a mesma função do homem deve receber salário igual; 3) luta pelo estabelecimento da democracia; 4) mesmas oportunidades de trabalho. 120 mulheres, ou 12% das presentes, pediram "uma estratégia para o movimento feminista".

No encerramento dos trabalhos, domingo à noite, na votação das moções de apoio ou repúdio, a platéia entrou em ebulição pela primeira vez. Deu gosto ver as mulheres gritando, cada uma para seu lado, sem que a mesa pudesse contê-las. A moção de repúdio à devastação da Amazônia e ao Projeto Jari foi a que levantou mais celeuma. Tinha ou não tinha a ver com o feminismo? Uma mulher, a quem a mesa pediu silêncio, começou a gritar que tinha sido cassada. Quando falou, ninguém entendeu. No fim, a moção passou, com votos até dos homens e das crianças presentes, todos de braços erguidos, exercitando a liberadora prática da democracia. Foi aprovada por unanimidade uma moção de repúdio à grande imprensa, que se recusou a cobrir o evento.

Francisco Bittencourt

Perfil de uma feminista brasileira

Na casa dos 30 anos. Alta, bonita, bem vestida, educação superior. De sua classe privilegiada ela procura esquecer os mitos, a linguagem e as idiossincrasias para poder participar de uma luta que acredita estar começando agora, junto com o desabrochar de sua consciência. Os palavrões e os temas sexuais quase não a inibem mais, como no início, quando entrou para o movimento. Entrega-se a qualquer tipo de debate e acaba sempre escolhida para falar em nome das companheiras, por já ser uma "especialista" em feminismo. É líder por fatalidade, como o foram seu avô, seu pai, seu irmão. Mas não é isso o que ela quer. Ela não quer ser "homem", mas mulher.

— Fazem exatamente quatro anos. Eu estava sentada num sofá, lendo uma carta de uma amiga estrangeira que me falava de suas experiências movimento feminista de seu país. De repente, como num filme, toda minha vida pregressa começou a passar diante dos meus olhos. A mãe autoritária, o pai autocrático, o irmão desinteressado, o marido utilitário, os filhos possessivos. Todos cobrando de mim comportamentos de vida diferentes. Eu não era ninguém, ou melhor, apenas um objeto usado de acordo com os interesses de uns e outros. Tinha de esperar que minha mãe me passasse o cetro do poder doméstico, da repressão caseira. Felicidade, liberdade, prazer: palavras desconhecidas do vocabulário feminino familiar. Daí meu ódio surdo, minhas dores de cabeça, o descontrole do vago simpático. Vi-me no parque infantil, com meus filhos, embalando-os com rancor, por obrigação. Vi-me negando minha própria condição de ser humano diante da prepotência do meu pai e, a seguir, do jugo oportunista do marido. Compreendi que a mulher, na ideologia burguesa, é antes esvaziada de qualquer especificidade para depois receber as rédeas da casa. A "rainha do lar". Essa é a convenção mais hipócrita já criada pela sociedade. No universo burguês a mulher não passa de um túmulocaiado onde o homem deposita todas as suas frustrações das competições masculinas e, em momentos de distração, também seu sêmen. O horror desse quadro me atingiu como um raio.

— Três meses depois meu casamento acabava e passei a lutar contra qualquer tipo de ordem que ferisse meus novos sentimentos. Com meus filhos, comecei a discutir cada coisa que tínhamos que fazer.

Foi tudo muito difícil. Me empurrava para a frente uma sensação nova e vertiginosa: eu era alguém, tinha um projeto próprio. Hoje posso dizer que sou uma pessoa produtiva. Não acredito em relações hierarquizadas, de cima para baixo. Por isso, cada vez mais, estou participando de reuniões de grupos pequenos, de espírito comunitário, onde os problemas são discutidos em pé de igualdade e todas nós podemos nos expressar sem medo de ser reprimidas ou censuradas. É uma experiência que está funcionando e que eu gostaria de ver aplicada em escala brasileira. (FB).

Em vez de praia, discussão

No auditório da faculdade Cândido Mendes — em Ipanema — de 8 a 11 de março, realizou-se o Encontro Nacional de Mulheres, comemorando o Dia Internacional da Mulher. (Em 8 de março de 1906 houve o massacre de 129 operárias que se encerraram na Fábrica Têxtil Cotton, em Nova Iorque, reivindicando condições de trabalho — horário e salário — iguais às dos homens, sendo queimadas vivas pelo patrão que ateou fogo à fábrica). A promoção foi do CMB — Centro da Mulher Brasileira — e constou do seguinte programa: dia 8, abertura, com a presença de diversas feministas compondo a mesa, inclusive Heloneida Sturdart. Dia 9: apresentação de grupos organizados, com relato sobre sua origem, objetivos e atividades; à noite, atividades culturais com projeção de filmes sobre creche e uso da mulher na propaganda. Dia 10, manhã: painel. "Situação da Mulher na Sociedade Brasileira". A tarde, dinâmica de trabalhos com os grupos sobre os temas apresentados pela manhã, e, à noite, plenário das decisões dos grupos. Último dia: painel sobre o feminismo no Brasil suas formas de organização. A tarde, plenário, com leitura de documento final, votação de propostas, seguindo-se o encerramento.

Já dizia a representante de "Nós Mulheres" em São Paulo, na semana dedicada aos movimentos de emancipação (ver Lampião nº 10), que "o feminismo não se define, como pensam muitos, por ser uma luta pela igualdade; trata-se de uma luta pela afirmação das diferenças, sem que elas sejam motivos para desigualdade social". A mesma diretriz orientou as feministas no Rio, através do lema que definiu o encontro: "Diferentes mas não desiguais". Todos os assuntos foram enfocados dentro desta colocação, inclusive a sexualidade, abordada dia 10, no painel da situação da mulher brasileira, junto com temas relativos a política, trabalho, creche e relações raciais.

Para Mary Castro (do MFPA) a sexualidade foi vista sob o ângulo exclusivamente político, tratando da relação entre ela e os mecanismos do poder. Enfatizou: 1) o fato de que o sexo teria de ser uma luta específica no movimento, por servir como fragmentação social da mulher: enquanto ela fica dividida, mais se enfraquece, sendo melhor usada e manipulada historicamente, para se transformar na guardiã de valores conservadores, repressores e, ironicamente, antifeministas. 2) as ligações da propriedade do corpo da mulher com a própria propriedade privada; 3) o fato de que medidas isoladas — como a liberação do aborto — só serviriam a resoluções particulares. A emancipação de fato apenas será possível com uma transformação social, para ambos os sexos.

"Mulher e Sexualidade" foi o tema analisado por Sandra e Malu. Como pontos principais de sua apresentação conjunta, destacam-se: 1) o sexo sempre relegado a um plano secundário, a fim de esfacelar a mulher e não vê-la como ser total; no entanto é o corpo da mulher que determina a função social que ela foi condicionada a exercer (a maternidade, os trabalhos domésticos). 2) o grupo, portanto, se preocupa com o desenvolvimento e crescimento deste corpo, marcado na mulher sempre pela presença do sangue nos momentos críticos de sua vida: a menarca, as menstruações, a defloração, o parto, a menopausa. Daí o interesse por essas funções biológicas (suas relações com o meio-exterior) e as implicações da sexualidade feminina na inserção social inclusive como fator de determinação de tipos de comportamentos (o da menina, por exemplo, livre na infância, mudando completamente de hábitos ao se tornar mocinha — menstruada —, até no sentar-se, "recatadamente", de pernas fechadas); 3) a dominação não se faz apenas na área político-econômica, mas também sobre o corpo (um dos aspectos específicos na luta feminista), contra o qual, em última análise, se praticam as torturas, as violações, e a maior parte dos desrespeitos humanos. Conhecer a evolução sexual da mulher é conhecer a posição social que ela ocupa, pois sexo é tema estritamente político, haja vista as mulheres iranianas, cuja luta atual não se restringe às vestes nem à sexualidade feminina: através dos costumes, suas reivindicações têm diretas implicações nas transformações sócio-políticas.

Só discordei quando este grupo expositor afirmou que sua pesquisa "não trata de saber se a mulher tem orgasmo ou não, embora isto seja importante". O estudo puramente biológico do corpo leva a um teoricismo muitas vezes acadêmico, apoiado em conceitos científicos preconceituosos e a uma linguagem exclusivamente médica, portanto de valor limitado. Querer relegar o orgasmo, tratá-lo, simplesmente "en passant", é recair no erro denunciado por elas mesmas, ou seja, é relegar o corpo (pois o orgasmo não pode ser separado dele) e a sexualidade a um plano secundário, retirando-lhes as conotações políticas e suas implicações sociais.

Talves exatamente para não "comprometer" e "ameaçar" a seriedade com que os trabalhos se conduziram, a sexualidade se reduziu a um corpo eminentemente político, lídimo representante de uma das metas específicas dos ideais feministas. Nem orgasmo nem homossexualismo nem liberdade sexual entraram em pauta, embora devessem, por serem importantes fatores na transformação social e na conscientização mental/corporal dos indivíduos.

É a única restrição a fazer, exatamente por ter sido esse caráter de restrição... Mas foi ótimo ter presenciado aquelas mulheres resistindo ao sol e à praia de um sábado convidativo para lá estarem atentas, de ouvidos e olhos abertos. Sim: o Centro da Mulher Brasileira promove reuniões, debates, conferências. A quem interessar possa, o CMB se sedia na Av. Franklin Roosevelt, 39, 7º andar, sala 713, telefone: 242-3147, Rio.

Leila Miccolis

Quando o machismo fica no porão

A medicina anda um pouco assustada com a crescente resistência das bactérias aos antibióticos, sobretudo no caso das doenças venéreas. Eu diria que existe um fenômeno de resistência semelhante, no setor das culturas — quando a absorção de certos conceitos "perigosos" funciona como forma sutil de não mudar nada. É assim, por exemplo, que a grande impresa começa a veicular conceitos antes considerados tabus. Há alguns meses atrás, a **Folha de São Paulo** ainda substituía pudorosamente a palavra "lésbica" por "feminista". Hoje, esse jornal noticia até mesmo o encontro de homossexuais na USP. Vários temas deixaram de ser ofensivos, entrando no processo de recuperação que o sistema utiliza para neutralizar potencialidades daninhas. É o caso do conceito de machismo: a imprensa já emprega até no noticiário mais comum. Quer dizer, "machismo" no caso acabou se tornando um conceito vago diluído e incorporado ao dia-a-dia, significando um monte de coisas insignificantes e perdendo seu sentido visceral.

Em outros termos, o processo de "resistência" bacteriana cultural concretiza-se mais ou menos assim: "eu não sou machista, não sou racista nem reacionário, graças a Deus; racista é o outro, machista é meu vizinho, reacionários são aqueles lá; EU SOU ÓTIMO, até ajudo minha mulher a cuidar das crianças." Essas pessoas criam defesas, para continuarem racistas, machistas e reacionárias. Taí, aliás, um processo que filmes da esquerda-burra usam muito: eleva-se a classe operária à categoria de "mocinho" e cria-se o estereótipo da burguesia "vilão". Tudo é feito de tal modo que os espectadores batam palmas aos heróis Sacco e Vanzetti, aos operários que caem dos edifícios em construção, aos camponeses italianos que se rebelam sob o comando da passionária Sandrelli.

Quero dizer que, nesses casos, trocam-se simplesmente as moscas, mas os pratos continuam os mesmos; assim ocorre, por exemplo, com o culto ao herói que, de matador de índios, passa a defensor dos pobres. Após o filme, os espectadores voltam felizes e redimidos para casa, com a agravante de terem criado defesas às transformações sociais que deveriam começar dentro de cada um. Em função de uma análise pretensamente avançada, reforça-se o conformismo dos progressistas de última hora E não existe pior tipo de reacionário do que aquele que se diz progressista (vide nosso ministro da cultura).

Observei algo semelhante ao participar de um grupo de homens presentes no 1º Congresso da Mulher Paulista. Aí havia um pouco de tudo: operários inconscientes, líderes sindicais, jornalistas e outros profissionais liberais — e até uma que outra bicha. De início me pareceu intrigante que as mulheres tivessem metido nós homens, num grupo separado e nos enfiassem no porão do Teatro Ruth Escobar, para discutir questões relativas à questão feminina. Não faltaram protestos dos homens contra tal "discriminação" (eles já aprenderam o uso dessa palavra-antibiótica). Muitos reclamavam que deveríamos estar distribuídos livremente em vários grupos mistos. E entretanto, aquele gesto "discriminatório" dignificava uma afirmação de indentidade da parte das mulheres. Nada mais natural, a meu ver: numa sociedade onde tudo foi feito para que a mulher se cale e o homem levante a voz, elas decidiram impor o **seu** espaço para discussão de **seus** problemas. Ali estava uma rara oportunidade de se encontrarem entre si, sem interferências externas.

À parte isso, eu me sentia francamente curioso para ver o que pensavam os homens heterossexuais a respeito das mulheres e dos feminismos. Se não posso negar o óbvio interesse demonstrado já pela presença de cerca de trinta homens, também não posso negar meu desapontamento em relação ao seu nível de consciência. A maioria dentre nós tinha vindo para **ajudar** as mulheres a serem menos passivas, **convencê-las** da importância de ter uma participação política e **mostrar-lhes** que elas também são seres humanos. Sob esse manto de "profunda compreensão", muitos estavam ali para continuar um processo: o de dizer às mulheres tudo o que elas deveriam fazer. Essa postura paternalista ficou mais evidente quando se discutiu a questão da sexualidade e frigidez feminina. Frigidez, dentro do grupo dos homens, era: falta de alimentação ("culpa dos baixos salários"); operações cesarianas mal feitas; falta de tratamento adequado; falta de informação da mulher. Um deles caracterizou a frigidez como uma "degenerescência igual ao homossexualismo" — e ouviu os meus protestos, em nome da classe.

Foi praticamente impossível discutir-se sexualidade feminina enquanto problema relacionado à sexualidade dos homens; ou seja, como é que os indivíduos presentes e a sociedade masculina ali representada têm responsabilidade na frigidez da mulher, não em sua "cura". Apesar de muito buxixo, a discussão não andou; aconteceram no máximo monólogos compartilhados. Houve sim momentos de verdade: um homem falou das "mulheres vagabundas que só querem ver televisão, dentro de casa." Outro disse que "a mulher já está liberada, porque já é até rainha em muitos países, ao mesmo tempo que os melhores cozinheiros hoje em dia são do sexo masculino."

Besteiras?. Pode ser, mas **esses** eram os reais problemas da maioria dos homens ali presentes e **isso** precisava ser discutido. Mas nada de discussão. Comecei a perceber que nós homens tínhamos, inconscientemente ou não, ido lá para **confirmar** posições, talvez abrindo mão de coisinhas, mas fundamentalmente tentando garantir que o Congresso não saísse da linha. Assim, houve muita frase-feita contra o machismo, pois EVIDENTEMENTE ninguém ali se julgava machista. Com certeza, o conceito já tinha se transformado em defesa "orgânica" e seu significado se diluíra em folclores.

Aproveitando-se do desafogo político que a "abertura ampla e irrestrita" tem permitido, muitos homens faziam questão de afirmar, como um refrão, que o importante eram as "liberdades democráticas"; a luta das mulheres era ótima porque vinha ajudar na derrubada da ditadura. Com isso, evidentemente, se escamoteavam os problemas da mulher, dissolvidos na chamada "luta maior". Um sindicalista mais eloqüente disse até que devíamos deixar de considerar as mulheres coitadinhas, pois coitadinhos eram todos os operários. Houve mais buxixos. Então, se o General Figueiredo caísse, as mulheres automaticamente iriam ter seus salários equiparados, deixariam de ser consideradas cidadãs, de segunda e na cama passariam a ser reconhecidas como seres com direito ao prazer? Em outros termos, de machista ali só tinha o Figueiredo, não o grupo social dos homens como um todo.

Isso conduzia a algumas questões. Por que existe uma recusa sistemática, da parte de nossos ativistas, em encaminhar simultaneamente as várias lutas sociais, utilizando um falso conceito de prioridade? Por que não somar as opressões gerais com as opressões específicas de certos setores, como o das mulheres? Se, ao voltar do trabalho, a mulher operária deve ocupar-se do serviço caseiro, como irá participar das lutas de sua classe? Ou será que o proletariado se resumiria aos homens, na medida que a mulher encontra-se estruturalmente impedida de participar da luta comum? Nesse caso, sua função transformadora iria se reduzir a lavar roupa, fazer comida e criar os filhos, para permitir que seu marido tivesse tempo de encaminhar a luta, no sindicato e fora dele. Assim, em nome da revolução, estaríamos consagrando a mulher como empregada do marido. Bastante irritado ante essa conclusão "lógica" de escravização feminina, eu só consegui dizer bem alto, ali entre aqueles homens: "Acabamos de ter aqui, quentinho e ao vivo, um exemplo de como o machismo existe e vai bem obrigado".

Entretanto, o que mais me perturbou durante as reuniões de trabalho foi a dificuldade que tínhamos em **trocar idéias**. Isso parecia-me mais um sintoma do grau de autoritarismo dentro do grupo, inclusive já no próprio esquema de rígida disciplina e centralização: havia um coordenador que acumulava as funções de ideólogo e relator; as discussões deviam se restringir rigorosamente às questões colocadas; as intervenções frequentemente vinham na forma de discursos para grandes platéias e caíam no vazio do silêncio geral; alguém utilizava um relógio é interrompia os oradores no meio da frase, ao se esgotar o tempo estipulado para cada um falar. Acima de tudo, tinha-se implantado um sorrateiro clima de policiamento que visava conduzir as respostas às posições consideradas ideologicamente "corretas".

Posso dizer que essa experiência do Congresso me proporciou, ainda uma vez, constatar como nós homens precisamos aprender mais sobre o afeto, a sensibilidade, a graça e a sensualidade, virtudes tornadas menores e relegadas ao purgatório por serem consideradas "femininas", em nossas sociedades. Ausentes daquele grupo, essas seriam entretanto premissas fundamentais para discutir o autoritaritarismo, que considero uma doença típica do machismo instituído. O mesmo machismo que nos vem sendo inoculado desde o berço e se cristalizou, a cada vez que nos diziam: "menino não chora; isso é coisa de mulher".

João Silvério Trevisan

Nós mulheres e nosso corpo

As idéias que se seguem foram em parte apresentadas no Encontro Nacional de Mulheres, realizado de 8 a 11 de março na Faculdade Cândido Mendes do Rio de Janeiro. Elas resultam da experiência de reflexão de quatro anos de um grupo feminista, que agora empreende uma pesquisa sobre sexualidade feminina.

O feminismo enquanto um movimento que vise a emancipação e liberação das mulheres tem como uma de suas frentes de luta as questões ligadas à sexualidade. E por isto, frequentemente, tem sido acusado de maneira incriminatória e desvalorizante, principalmente por entender que a liberação do corpo é primordial, pois que ele é alvo de violentas repressões.

No entanto, o corpo em nossa cultura não é importante. Na formação da cultura ocidental o corpo foi sendo esquecido e a "mente", o intelecto erigidos em metonímia do ser humano. Assim, o corpo passa a ser um reles invólucro material das **pessoas** que somos. E, por tudo isso, desprezível.

Nesta mesma cultura, em que a relação entre os sexos é uma relação de poder, e que o sexo feminino é o dominado e desvalorizado, o corpo das mulheres tem sido principalmente oprimido.

O corpo não nos pertence, pertence a qualquer um, do sexo masculino, que o deseje. Veja-se os casos de estupros e agressões sexuais, onde a sociedade condescende a violência contra a mulher, justificando o homem pelo seu "instinto sexual". A compulsão do seu "instinto" se apóia na idéia de que o corpo das mulheres existe para a satisfação masculina, mesmo que elas assim não queiram.

É sobre o nosso corpo que recai exclusivamente o ônus do controle da reprodução. E não temos ao menos acesso à decisão de como este controle é feito. As decisões sobre o nosso corpo não cabem a nós, nem na nossa vida particular, nem ao conjunto das mulheres.

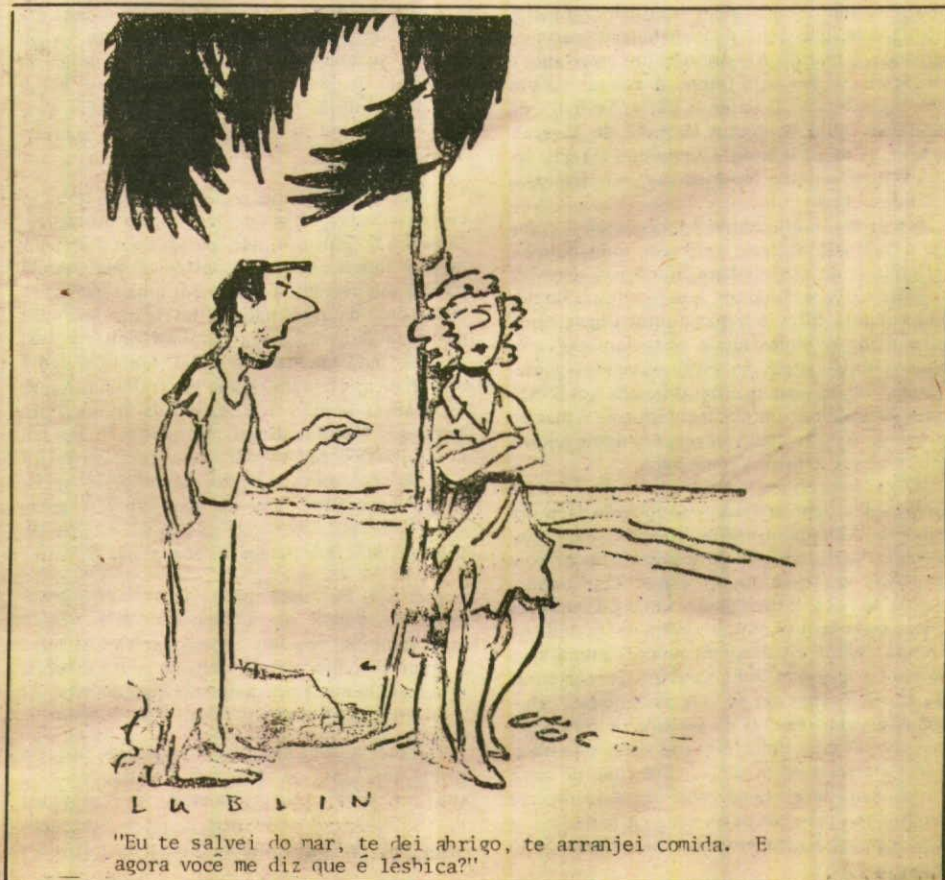
É sobre o corpo das mulheres que incidem mais fortemente os preconceitos sexuais, como, ainda hoje, o não reconhecimento do direito da mulher ao prazer; a sexualidade feminina qualificada de "misteriosa e complicada", que continuará sendo se insistirmos em vê-la através do espelho masculino; a interdição, ainda existente, de relações sexuais antes do casamento; a muitas vezes escondida e reprimida homossexualidade feminina.

A emancipação e liberação das mulheres têm que conter a luta pela autonomia de sua sexualidade e pelo livre arbítrio no controle da reprodução, pois o corpo é um importante espaço onde se instrumentaliza a opressão.

Foi com este sentido que o Encontro Nacional de Mulheres aprovou uma moção de solidariedade às mulheres iranianas, que independentemente de seus credos políticos, saem às ruas a protestar contra os véus, símbolo, naquela cultura, da opressão da mulher.

Maria Luiza Heilborn

"Eu te salvei do mar, te dei abrigo, te arranjei comida. E agora você me diz que é lésbica?"

Mulher negra: um retrato

Veio de Minas, ainda menina que gostava de brincar, de correr pelos espaços amplos e livres da fazenda do interior. Veio com a mãe e os irmãos. Seu pai? Ficara por lá mesmo, com a esposa legal e os filhos idem. Rio de Janeiro, cidade grande onde a gente pode ganhar dinheiro e viver bem. Assim dissera sua mãe, cansada de trabalhar na fazenda e cansada daquele homem que lhe fizera três filhos, mas que nunca vivera com ela na mesma casa. Mas como chamar de casa aquilo onde moravam? Se era de sopapo, de pau a pique, de chão de terra batida, de telhado de sapê? No Rio eles teriam uma casa de verdade, pois ninguém ali tinha medo de trabalho; as crianças já estavam acostumadas ao trabalho na roça.

Além disso, a menina já estava com dez anos, ficando mocinha. Muito trabalhadeira, sabe? Daquele tamaninho, ela trepava num banquinho pra mexer doce naqueles taxos grandes, na cozinha da fazenda. Desde cedo já sabia lavar, passar, cozinhar e varrer o terreiro que nem um brinco. Tinha lá suas manias de correr que nem uma cabritinha no meio das outras; coisa de criança, né? Escola não. Era muito longe, quase meio dia de viagem a pé; e mesmo o trabalho na roça, na cozinha da fazenda, as miudezas pra fazer em casa não deixavam não. Se a gente tem saúde pra trabalhar, não precisa de mais nada. Deus ajuda a gente. De vez em quando chegava uma carta da prima, contando tanta coisa bonita do Rio que dava vontade de conhecer, de viver, de ter casa de verdade...

Foram morar numa favela que disseram que tinha sido um quilombo. A vista lá de cima é linda. Dá pra ver o mar, o Cristo, as casas grã-finas das madames lá de baixo e também quando o camburão vem pra dar uma **blitz** no morro. Primeiro a gente fica com medo, mas depois se acostuma. Quê que se pode fazer, né? Triste foi quando houve aquele tiroteio e mataram o filho da vizinho ali de cima. Só tinha dezoito anos. Custaram pra levar pro necrotério e ele ficou ali, caído, uma porção de moscas em cima. Marginal, sabe? Coitada da mãe, tanto sacrifício pra nada. A irmã dela, que mora naquele barraco perto do barranco, o marido está preso há uns cinco anos e tem mais uns dez pela frente. A coitada dá um duro danado pra sustentar os filhos. Trabalha de cozinheira num botequim lá perto da Central, carteira assinada e tudo. O emprego é bom porque sempre dá pra trazer umas coisinhas pras crianças comerem.

E a prima, muito animada, ia contando como era a vida ali. Parecia conhecer todo mundo. Trabalhava de arrumadeira numa das mansões do bairro aristocrático em que se situa a favela. Tinha quatro filhos e o marido trabalhava como servente de pedreiro numa obra também próxima. Graças a ela, os recém-chegados conseguiram trabalho sem maiores dificuldades. A mãe como passadeira, um dos meninos com o marido da prima, o outro como entregador numa lojinha de ferragens e a menina como babá.

Quase tão criança quanto as crianças de quem cuidava, seu primeiro emprego foi uma aventura deliciosa. A madame era muito boa e suas crianças tão alegrinhas que dava gosto brincar com elas. Não era nem tomar conta. Dar banho, comida na boca, lavar e passar umas pecinhas era a coisa mais fácil do mundo, perto do trabalho na fazenda. Além disso, agora morava numa casa tão bonita que nem tinha saudade das correrias, das frutas tiradas do pé das mangueiras, jaboticabeiras, romanzeiras da fazenda. É certo que, uma vez por mês, tinha folga pra visitar a família. Mas o barraco de madeira, com chão de terra batida, nem dava pra se sentir incomodada com ele, pois sua casa era outra e a alegria de rever a mãe e os irmãos compensava o desconforto. Se só voltaria ali no mês seguinte, por que se aborrecer?

Mas um dia, tempos depois, teve de voltar pra valer. Tinha treze anos já e se tornara demasiado saudável e atraente para os olhos do irmão mais moço da madame, que tentou agarrá-la. Quando a viu assustada, chorando e contando o ocorrido, a patroa olhou-a desconfiada, pegou suas roupas e a devolveu à mãe. Não conseguia entender porque a madame ficara tão zangada com ela. Que foi que fizera demais para ser chamada de assanhada? Ah, essas madames são mesmo complicadas...

O novo emprego era muito bom porque muito próximo de casa. O trabalho de arrumadeira dava tempo até para assistir a novela das oito na televisão bonita que o doutor comprara para os empregados da casa. Aos sábados eram as festas ou os bailes junto com as colegas. E a vida corria gostosa que nem o riacho no qual se banhava lá na fazenda. Ficou melhor ainda quando, naquele baile em Niterói, conheceu aquele moço de terno branco e que dançava tão bem. O namoro começou naquele dia mesmo. O problema era a mãe dele, sabe? Tinha um salão de alisar cabelos lá pros lados de Realengo. Ela se achava dona do filho e dizia que ele tinha de ajudar em casa, que era muito moço pra se amarrar com a primeira que aparecesse.

Nem chegaram a se casar: ela se perdeu com ele. Sua mãe e seus irmãos encararam com naturalidade o crescimento daquele ventre jovem e bonito. A criança nasceu e o pai a registrou de boa vontade. Mas o mesmo não aconteceu quando o segundo filho nasceu, pois ele se enrabixara por outra, com quem fora morar, deixando-a com a responsabilidade total das duas crianças. Mas a gente nunca está sozinha se tem família que apoia e se tem bons patrões. Eles eram tão bons pras crianças que nem valia a penar pensar que nunca se ofereceram pra assinar carteira. Também, de que adiantaria? Ela nem sabia ler. Como é que iria reclamar de alguém pra assinar uma carteira que ela nem sabia como ou onde tirar?

Mas criança muda tanto a vida da gente, né? O tempo dos bailes e das festas assim como veio, se foi. A gente muda tanto que começa a pensar no futuro, a ficar preocupada com uma porção de coisas. Não conseguia entender porque a mãe e os irmãos passaram a beber daquele jeito. O mais velho, que tinha até se casado direitinho com uma moça muito boa e trabalhadeira, seu ordenado mal dava pra beber tanto. Está certo que ele nunca conseguiu emprego melhor do que em obra, mas a mulher trabalhava, ajudava ele pra sustentar a casa. A mulher acabou se cansando de tanto ir buscar ele na birosca lá de baixo, caindo de porre. Foi embora de vez. Aí ele deixou de comer, pra beber o tempo todo. Ainda se lembra do dia em que, já doente, ele foi tomar aquela injeção na farmácia do seu Antônio. Teimou em beber depois da injeção tomada. Deu complicação e ele mal teve tempo de chegar em casa pra morrer. Tão moço ainda...

Graças a Deus que o mais novo não tinha se enrabixado por ninguém, pois estava no mesmo caminho do outro. A mãe, passava um bom tempo sem tomar uma gota, mas de vez em quando dava o seu desconto e sumia por uma semana. Ia, lá pra casa da irmã, naquela favela que fica mais pra cima daqui. Nessas horas a vizinha do barraco do lado quebrava o galho, tomando conta das crianças enquanto ela ia por trabalho. Agora as crianças já eram três. O pai da última é um rapaz que trabalha de gari. Responsável, deu seu nome não só para o seu filho como também para a outra criança que, até então, não tinha sido registrada. Viver junto não dá não, sabe? A gente briga que nem cão e gato por causa da mãe da gente. A mãe dele parece até com a mãe do outro.

É pior até. Faz tudo que pode pra ver a gente separado. Parece que o filho é só dela. Minha mãe, também, vive implicando com ele. Às vezes a gente fica um tempão sem se falar, sabe? É muito ciumento. Principalmente quando bebe. Aí a gente briga e fica sem se falar.

Graças a Deus não é igual ao marido daquela prima que é mãe de oito filhos. Quando ele toma suas canas, bate nela pra valer. Às vezes sobra até pras crianças. A sorte dela é que o filho mais velho, aquele pequenininho (nem parece ter doze anos), já está trabalhando de entregador na farmácia. Meio expediente, sabe? De manhã ele vai pra escola e de tarde trabalha na farmácia; nas férias é que ele trabalha o dia inteiro. É muito caprichoso, sabe? Guardou do seu ordenadinho durante o ano inteiro e quando começaram as aulas ele comprou uniforme, caderno e lápis pros irmãos menores. Dá gosto de ver. A menina que vem abaixo dele, cuida da casa que nem gente grande. Lava, passa, cozinha, cuida dos irmãos menores e ainda vai pra escola. Está um pouco atrasadinha, pois não sai do segundo ano; mas também quem é que aguenta? Esse negócio de escola puxa muito pela cabeça da gente.

A minha mais velha também não gosta muito não. A professora vive reclamando que ela não presta atenção, que faz bagunça e que não vai passar. Disse até que vai mandar ela pra (como é que se diz mesmo?) psicóloga, que ela tem problemas. Mas burra ela não é não, sabe? Ninguém engana ela no troco quando vai comprar as coisas pra casa. Pode ser é preguiçosa, isso sim. Tanto que não quis saber de aprender a música de natal que a professora ensinou e ficou de bagunça perturbando a aula. Agora, pede pra ela cantar o samba do bloco daqui do morro que ela canta direitinho a primeira e a segunda parte. Se o samba que é grande ela aprendeu logo, como é que não ia aprender uma musiquinha desse tamaninho? Só de preguiça, né? E olha que não é por falta da gente ensinar em casa.

A gente que é pobre tem de estudar pra ver se melhora de vida. A gente vê pelos filhos dos patrões da gente. Todo mundo estuda e vira doutor. Por que então a gente não ia querer que os filhos da gente estudem? Ao menos o primário completo, né? Aí já dá pra conseguir um empreguinho melhor, ganhar o salário, carteira assinada e até fazer o ginásio depois. Tem muita gente que estuda de noite e trabalha de dia. Aqui mesmo no morro, tem muita gente que faz isso. Eu até que tentei também. Mas não deu não. Já estou muito velha pra aprender essas coisas de escola; vou fazer vinte e sete anos. Criança é que tem cabeça fresca pra isso.

Acorda cedinho todos os dias. Põe a lata na fila da bica, adianta o almoço, prepara o café, acorda as crianças, lava a roupa mais pesada e desce pra ir pro emprego. Antes, deixa as crianças na escola. Quando é preciso levar as crianças ao médico, acorda de madrugada. Se a gente chega no posto às sete, a fila já está enorme, a gente pega número alto e só é atendida lá pro meio-dia. Então tem que ir bem cedo, né? E olha que aquela gente lá já não trata a gente muito direito não, sabe? Trata que nem cachorro. Só porque a gente é preto e pobre. Noutro dia, levei a minha mais nova lá porque estava tossindo muito, com febre e sem querer comer. A doutora nem pôs a mão nela pra examinar. Ficou de longe, perguntando uma porção de coisas e sem tocar na criança. Fiquei com tanta raiva que disse pra ela que minha filha não era leprosa não. Será que a gente tem culpa de ter nascido assim?

Até aqui no morro a gente vê dessas coisas. Noutro dia meu garoto saiu no braço com o filho da dona Maricota. Coisa de criança que briga agora pra estar brincando depois. Mas ela tomou as dores do filho e veio reclamar dizendo que não gostava de preto por causa disso. Disse pra ela que quando precisasse de uma caneca de açúcar ou de uns dentinhos de alho, que não viesse pedir emprestado em casa de preto não. Que quando ela precisa, a gente é vizinha pra lá vizinha pra cá; que quando não precisa mais a gente vira negra suja, piranha e por aí afora. A sorte dela foi que o marido chegou e puxou ela pra casa. Numa hora dessas a gente pode perder a cabeça, né?

E ficou ali pensando no irmão que ficara desempregado há um ano, passado a viver de biscates e bebendo cada vez mais; na mãe idosa que de tarde tomava conta das crianças quando voltavam da escola, enquanto ela estava no emprego; na patroa bonita e cheirosa indo pra faculdade no carro novinho que o marido lhe dera; no barraco com uma parede caída desde a última chuva e em como arranjar dinheiro pra comprar umas madeiras naquela demolição lá de baixo.

E ainda chamam a gente de orgulhosa só porque a gente traz os filhos limpinhos, não vive por aí mostrando os dentes pra qualquer um e não pede nada a ninguém. Só porque a gente vive do trabalho da gente, sem homem pra ajudar nem nada e tendo que sustentar mãe e três filhos. Só porque a gente se dá com um vizinho ou outro, afora os parentes, chamam a gente de besta. Só porque a gente não se mete na casa dos outros pra bisbilhotar. Só porque a gente não fuma e nem bebe, a gente é orgulhosa? Como é que a gente pode ir pros ensaios do bloco se a gente vem tão cansada do trabalho e nem lembra mais o que é dançar? Ainda mais agora, com aquela quadra fora do morro, cheia de gente bacana que nunca soube o que é vida de favela, pra que é que a gente vai lá? As crianças bem que gostam, mas são crianças. Pra elas tudo é motivo de brinquedo. Mas a gente que tem responsabilidade de cuidar delas, do futuro delas, da escola, da casa, da comida e da saúde delas, a gente não pode ficar aí igual quando a gente era mocinha.

E, sentada na porta do barraco, continuou mergulhada naqueles pensamentos, perguntando pelo por que de tantas coisas. Quem a visse de longe talvez se perguntasse sobre o que aquela figura trágica lembraria. E a resposta não era difícil de ser encontrada: a mulher-sentada-na-porta-do-barraco era a própria Solidão.

Lélia Gonzalez

Paulistas elegem os objetivos da luta

Não é de hoje que a mulher participa dos movimentos sociais. Mesmo isolada dentro de casa e impedida pelos costumes, têm-se notícias do século passado, quando um grande número de mulheres apoiou a campanha abolicionista, ou, do início deste, quando tiveram participação essencial no movimento anarquista e partiram decididas para a conquista do voto. O problema é que a atividade feminina não foi registrada pela historiografia oficial, daí nossa pouca informação.

É cada vez maior o número de mulheres participantes. A diferença é que hoje estamos na luta a partir de nossa realidade concreta, com tudo que a compõe: o sustento da família, a falta de creches, o autoritarismo sexual dos homens, o trabalho doméstico, a desigualdade de salários, a luta sindical ou nas associações de bairro, a vida num país sem liberdades democráticas que nos impõe desde o arrocho salarial até as formas como devemos praticar a anticoncepção.

O 1º Congresso da Mulher Paulista, realizado no Teatro Ruth Escobar nos dias 3, 4 e 8 de março, comemorando o Dia Internacional da Mulher, foi um marco na organização de mulheres pertencentes a diversas faixas sociais. Participaram por volta de 600 mulheres — donas-de-casa da periferia, metalúrgicas, bancárias, técnicas, profissionais — todas juntas, debatendo em grupo, elegeram os objetivos de luta.

"O desemprego, problema geral da população, no nosso caso é ainda mais sério. Não conseguimos ter uma profissão. Somos educadas apenas para executar as tarefas domésticas e ser mães. Só conseguimos emprego com salários mais baixos que os homens e só nas profissões e cargos mais desvalorizados. E mesmo quando conseguimos um trabalho fora de casa somos obrigadas a fazer, além dele, todas as tarefas domésticas — o eterno lavar, cozinhar e cuidar dos filhos. Não temos onde deixá-los quando saímos para o Trabalho, pois não nos dão creches e escolas em quantidade suficiente e de qualidade que nos tranqüilize, como se fôssemos as únicas responsáveis pelo cuidado de nossos filhos. E tem mais: nosso trabalho é utilizado de acordo com os interesses de lucro dos patrões e do Estado. Por isso, somos as últimas a conseguir emprego e as primeiras a ser despedidas. E o nosso trabalho doméstico, necessário para toda a sociedade, não é valorizado, muitas vezes, nem pelo nosso companheiro."

Este é um trecho do documento final do Congresso, aprovado como documento-base também do Congresso do Rio, que teve caráter nacional. Durante debates sobre a desvalorização do trabalho doméstico, disse Aparecida Kobec, casada, três filhos, representando a Associação das Donas-de-Casa:

"A gente lava, passa, dá forças ao marido para que ele enfrente o trabalho do dia seguinte e produza seu tanto, mas ninguém dá valor a isso. A mulher não quer ser a "rainha do lar" apenas no dia 8 de maio para no resto do ano ser uma "escrava do lar". Queremos condições justas porque já está na hora de se estudar soluções coletivas para o trabalho doméstico: em casa, com a participação total do homem nas tarefas e na rua, através da socialização do trabalho doméstico. Ou seja, que os órgãos competentes instalem creches, lavanderias e restaurantes públicos."

A vida da mulher enquanto trabalhadora foi analisada sob vários aspectos: a dificuldade de profissionalizar-se, a desvalorização das chamadas profissões femininas, garantias em período de gravidez e parto, a necessidade premente de creches. A economista Maria Moraes fez uma exposição sobre as quatro profissões onde se encontram o maior número de mulheres: empregada doméstica, "que vive num quarto apertado e é obrigada a utilizar o elevador de serviço"; a trabalhadora rural, cujo salário, na maioria das vezes, está incluindo no do marido; a professora primária, "segunda mãe obrigada a aceitar um salário baixo pelo amor ao trabalho", e a operária, "que trabalha em péssimas condições".

Foram feitas denúncias sobre descriminação sexual no trabalho: uma mulher foi obrigada a se registrar como solteira, "porque a empresa não quer ter preocupação com mulheres casadas"; outra, apesar de ter sido aprovada no curso "masculino" de Controle de Qualidade, no Senai de Guarulhos, nunca conseguiu emprego por ser mulher. Representantes do Clube das Mães fizeram um apelo para que lhes sejam dadas oportunidades de profissionalização. "Arroz, feijão, tudo acaba. Uma profissão não." Bordados e costuras, em torno dos quais foram criados os Clubes de Mães, já não bastam para essas mulheres.

Falou-se da falta de garantias no trabalho, como por exemplo a atitude de muitos chefes que tentam se utilizar sexualmente das operárias. "A mulher sai com o chefe quando quer, e não quando ele exige", disse uma delas, e foi muito aplaudida. Um ponto muito levantado foi a necessidade de participação política da mulher, através dos sindicatos, das associações de bairro, das entidades que estejam mais próximas. Sempre, levando para lá a problemática específica da mulher.

Sobre a participação política da mulher, rapidamente vimos um exemplo claro de sua importância: a greve dos metalúrgicos do ABC, que terminou com uma significativa vitória política, teve mulheres muito ativas, que desempenharam papel importante nos piquetes ou na organização dos operários. E não só metalúrgicos participaram, como também esposas de metalúrgicos — uma atitude corajosa, e nova. E, como disse uma delas em entrevista ao Folhetim, "quando uma mulher começa a lutar por seus problemas como trabalhadora é mais fácil lutar pelos outros".

Outro sintoma do avanço do movimento de mulheres paulista foi o fato de que, nesse 1º Congresso, pela primeira vez se falou abertamente, e em público, da problemática sexual da mulher. Os debates foram um pouco tímidos, às vezes, mas contaram com a participação de todas e se chegou a um consenso geral: o direito da mulher ao prazer, ao controle do próprio corpo, um não ao autoritarismo que atinge também nossas camas. Discutiu-se a necessidade de informação sobre métodos anticoncepcionais, e de se combater o Plano de Gravidez de Alto Risco instituído pelo Governo. Pois os riscos para uma gravidez, na verdade, são a falta de alimentação adequada, condições de saúde, moradia e trabalho. Tendo tudo isso, só então a mulher pode ser livre e escolher, livre, quando quer ter um filho.

Apontando para a formação de uma Frente de Mulheres, o 1º Congresso da Mulher Paulista deixou um saldo mais que positivo, e uma luta que já está sendo travada: por creches onde se possa deixar os filhos com tranqüilidade. A luta é dura, o caminho é longo, mas "já não somos mulheres isoladas e impotentes ante a situação que nos é imposta, mas mulheres decididas a mudar sua sorte".

Inês Castilho

Bixórdia

Vamos todos de metrô

Assim que o Metrô do Rio começou a funcionar, um olheiro desta coluna foi enviado ao dito e iniciou uma pesquisa para ver se a decisão de não construir mictórios nas estações estava impedindo os cariocas de praticarem um dos (notem bem: **um dos**) seus esportes favoritos. ("Nos mictórios acontece tudo o que é proibido por Deus", declarou o engenheiro Noel de Almeida, na bela tradição autoritária de decidir sobre o que é bom ou ruim para a gente. Me digam, e os que têm bexiga frouxa, como é que vão fazer?) O nosso olheiro é um profissional, não pega nada, só olha. Pois bem, ele passou uma semana olhando, olhando e voltou bestificado (favoravelmente) com o que viu. Seu relatório foi curto e grosso: A ausência de mictórios nas estações não modificou em nada um dos mais caros costumes cariocas. Ao contrário, sofisticou-o. Enquanto fazem o **footing** na plataforma as criaturas se entendem. Depois, no trem, bastam um sorriso e duas ou três palavras.

Resultado: o que antes começava e acabava num mictório, passou agora a ser lucro para a indústria hoteleira, tantos são os pares que emergem do fundo da terra em busca dos providenciais albergues.

Dizem até que essa ausência de mictórios faz parte de um plano de ampliação da rede de hotéis em volta das bocas do Metrô.

Por falar em mictórios, não é apenas no recém-inaugurado metrô que o Rio está deficitário neste setor. Nos arremedos de parques e jardins que o ex-Prefeito Marcos Tamoyo inaugurou (todos eles misteriosamente cercados por terrenos baldios nos quais começam agora a ser anunciados futuros arranha-céus) também não há como fazer xixi. Daí, aos domingos, vetustos senhores podem ser vistos a baixar as calças dos seus pimpolhos atrás das mudas que um dia ainda serão árvores; isso quando não são eles próprios, os tais vetustos senhores, a fazer o *serviço*, envergonhadíssimos, mas vítimas da necessidade, que não escolhe hora nem lugar. Espera-se que o novo prefeito, Israel Klabin, dê prioridade à construção de mictórios públicos, obras mais modestas, porém de utilidade pública e urgente na paisagem carioca.

Eu, Rafaela Mambaba, sei quem é a tão cantada (!) e misteriosa Bicha do Pasquim. Aliás Bicha não; Bichas, pois são pelo menos duas. Você, gentil e astucioso leitor, também saberá dizer os nomes das nossas colegas do vetusto hebdomadário da rua Saint Roman? Cartas para o LAMPIÃO.

Folias da Telerj — Pode parecer brincadeira, mas é verdade verdadeira: a TELERJ, empresa encarregada do (não) funcionamento dos telefones do Rio é dada a bichices, no velho e bom sentido do termo. Outro dia um dos editores do LAMPIÃO conversava, ao telefone, com outra bicha maravilhosa, a esfuziante e querida Elke Maravilha. Eis que se escuta uma estalo, dos tantos audíveis em fones cariocas e entra, educadíssima, a voz de baixo cantante do ator Ítalo Rossi: Alô, de onde fala? Já que os dois, Elke e Antônio Chrysóstomo (sim o lampiônico em causa era ele mesmo; só podia ser) tinham assuntos a tratar com Ítalo, a conversa, agora a três, continuou durante alguns minutos. Resolvidos, os assuntos, os três já se despediam, por entre efusões e beijinhos, quando (suprise!) uma quarta voz interrompe as despedidas, com demonstrações de apreço e simpatia aos interlocutores e pedidos de que eles falassem "mais um pouco", pois a conversa estava "ótima". Quer dizer: numa linha da Telerj um show completo, com estrelas (Elke e Ítalo), diretor (Chrysóstomo) e espectador (a voz anônima). Quem, senão uma bicha das boas, à antiga, seria capaz de montar um espetáculo desses, de sucesso e improviso? Parabéns Telerja: você é das nossas!

O poeta Glauco Mattoso publica um jornal mimeografado, "Galeria Alegria", que é uma verdadeira Bixórdia de cabo a rabo. Reproduzimos aqui seu cabeçalho impagável numa homenagem a essa imprensa supernanica que começa a brotar nesta primavera por todos os recantos do Brasil. Ei-lo: "Orgam de grande penetração no meio, membro de muitos movimentos e ativista de varias posições, um trabalho picante e comicozinho de glauco espermattoso & pedlo o glande."

Ney, o Matogrosso, não pensou duas vezes ao ser convidado a dar entrevista ao LAMPIÃO. Leiam só, neste número. Enquanto isso outros (as) estrelos e astras batem queixo e ficam pálidos só em escutar o nome do nosso jornalzinho. E vejam lá que homossexualismo é só um, entre tantos assuntos de nossas entrevistas e reportagens. Já imaginaram se fosse o único? É por essa e outras que às vezes La Mambaba se põe queixosa, revira os olhões negros e geme "Ai que saudade da Madama Satã!" Satã por Satã, no palco Ney (Matogrosso, não confundir sobrenomes!) bagunça coretos e mentes. No meio artístico, restam poucos homens como ele. Recado da Mambaba: — Gostoso!

Cenário: apartamento diplomático. Espetáculo: festa para apresentar uma bamba da televisão internacional aos nativos. Quando chegou, lá pelas tantas, um convidado da turma do Lampião, já tinha corrido muito uísque por baixo da ponte. Ao vê-lo, um dos mais queridos humoristas da praça começou aos gritos, abraçando-o: "Eu não sou assumido, eu não sou assumido, mas adoro vocês! "Ninguém entendeu o ataque, principalmente os estrangeiros, que estão por fora das sinuosidades do português. O lampiônico teve de passar o resto da noite explicando que o humorista tinha trocado as bolas. O que ele queria dizer é que não era "entendido". Foi um ***lapsus linguae*** *daqueles que só Freud e nós explicamos.*

Para se opor às tendências libertárias do emergente feminismo brasileiro, algumas senhoras do Rio fundaram um grupo de reflexão falocrático que tem por padroeiro o Sr. Walmir Ayala.

TENDÊNCIAS

o livro

Punhado de poemas fálicos

Por certo o mais importante dos símbolos fálicos, o falo vem do grego **phallus** com a significação de "representação do membro viril, como símbolo da fecundidade que era solenemente conduzido em procissão em determinadas festas". Por extensão: membro viril. E ainda: "gênero de cogumelo da família das faláceas", o que já é, se me permitem o trocadilho, uma verdadeira falácia.

Em seu livro **Falo**, Paulo Augusto fala do **falo** enquanto símbolo fálico e, ao mesmo tempo, como experiência humana de vida vivida (e sobretudo reprimida) de que este trecho serve bem de exemplo, tanto de um aspecto quanto de outro: **"vislumbrei à luz murcha da tarde/sua fortaleza pontiaguda/e me recordo: meu coração recuou".**

Trata-se, já a partir do título, de um apanhado de poemas do amor homossexual, temática ingrata, que só costuma produzir bons resultados quando traduzida em linguagem altamente poética. E, por vezes, o poeta descamba, perdendo o tom da linguagem lírica que caracteriza a maioria dos poemas, sem chegar a comprometer, porém, o resultado final. A redução da linguagem a um tom prosaico de gozação decorre de autocomiseração que a repressão fatalmente faz recair sobre os homossexuais, da qual Paulo Augusto também não escapa. O uso de meros jogos verbais, que não passam de simples trocadilhos, contribuem igualmente para tornar a linguagem irregular, o que evidentemente se revela quando se considera que este é o primeiro livro de um poeta ainda em formação, e que, apesar disso, demonstra uma clara vocação para o **metier**.

Além disso, a coletânea vale pela temática, raramente abordada pelos nossos poetas. Lembramos, ao correr da memória, apenas as coletâneas de Gasparino Damata, **Poemas do Amor Maldito e Histórias do Amor Maldito**, já de longínquos lançamentos. E embora o tema de **Falo**, visto à luz da razão e sem falsos puritanismos, tenha perdido, com o passar dos anos, o caráter maldito ou escabroso em que era tido, nem por isto o livro escapou de ser alvo do pior tipo de censura que existe: a conspiração do silêncio. E, no entanto, o que importava, desde o seu lançamento em 1977, até agora, era, tão-somente examinar o seu conteúdo poético. E é também muito alvissareiro que o jovem poeta e jornalista tenha concebido seu livro de estréia "dentro de uma visão-de-mundo do oprimido". No entanto, o momento em que foi feito o lançamento comprometeu o seu compromisso, confundindo-o com um movimento **gay** que era somente um modismo inconsequente e passageiro, responsável, porém, pela falsa idéia surgida recentemente, não se sabe bem de onde, de que homossexualismo dá **status.**

Ainda uma constatação final. Se a poesia verdadeira é aquela que fala da experiência humana, que se alimenta da própria experiência do homem, tornando-se um fiel e permanente testemunho da sua voz e da sua **via crucis**, então estamos diante de alguém que dispõe de um cabedal imenso para poetar viva e decididamente em torno de uma forma de amor que atualmente não só já ousa dizer sonoramente o seu nome, como também exige o reconhecimento de todos, em termos claro e decididamente humanos.

(**Falo**, Edição do Autor. Rio, 1977, 61 pp.)

Carlos Alberto Miranda

Cicatrizes escondidas

Não vai sem uma certa pretensão o precisar afirmar-se que a publicação de **Inventário de Cicatrizes**, de Alex Polari de Alverga, terá sido o mais importante acontecimento literário do ano e mesmo da cultura brasileira. A ninguém parecerá que a atualidade dos sentimentos mais a do verso provêm do fundo de uma cela, de trás das grades, segregado o seu autor da vida comum há já uns oito anos mas extremamente presente e vizinho de todos nós, que ainda passeamos nossas bobas e impotentes liberdades cá fora. A temática de sua poesia acusará a situação limite que viveu e conviveu nos tempos que para nós foram os do medo e da omissão.

Por que caberá a uns tantos responder no estrito respeito à consciência que é de todos, mas que de tanto a esquivarmos nós torna os detentores da carga maior de opor à morte coletiva dos sonhos e aspirações da coletividade até a própria vida. Confinados antes na existência clandestina, a mais dura experiência, isolados cada vez mais pela inércia dos que cederam e cedem ainda ao mero berro, nada mais, dos impostores, neste fio de existência que sobreviveu não imaginaríamos encontrar tudo o que nos esforçamos em manter e mais o que não ousamos enfrentar.

Não nos fizemos moucos mas refluímos ao mundo conflitado do indivíduo e da existência impossível de ser digna e justa e, desde as ondas de protesto que um dia já foram mais amplas, recolhemo-nos a protestar sublingüsticamente, a renegar a boa e hipócrita literatura no papel pela oposição de uma vida sem lugar nos lugares previstos pelo que se convenciona chamar de sistema.

Tal é o protesto do que adequadamente se pode chamar de uma emergência da marginalidade na cultura brasileira. Não a marginalidade de fato, que coube aos mais exemplares, mas uma marginalidade de forma que foi o que restou aos que não tiveram a garra e a coragem de ir até o fim de sua consciência, e pelo menos nisto mantiveram o espaço de sua recusa ao cinismo do "milagre" brasileiro.

A nossa resistência é fraca, o verso ficou pouco e escasso, quem conseguia parir um paradoxo estava já contente de safar-se ao silêncio, e assim pudemos testemunhar um nada das inquietações pequeno burguesas não conformadas com o que esperamos cumprido o mínimo que a decência impõe. Mas, mais uma vez, foi preciso que de novo os que mais deram em vida mais nos dêem em verso, para que saibamos o quanto deixamos de fazer.

O livro de Alex Polari de Alverga, o seu labor trancado, certamente repõe em dia o mistério da poesia: a que não calante a morte mas rearticula o que sobrou de vida na existência dramática das sobrevivências.

À medida que afrouxam-se as tenazes, podemos ver que já nem tão excepicional era o que se esperava então de nós; fomos capazes de saber e de corretamente avaliar a barbárie, mas não soubemos opor-lhe desde a primeira hora a mais mínima e eficiente recusa que reunida coletivamente, bastaria para impedí-la. Impedimo-nos nós e com isto permitimos o crescendo da violência da repressão, que foi abandonada aos poucos e entregando os poucos que, desde 68, não consentiram em consentir na ilegitimidade da condução dos destinos sociais, e não foram, como passivamente fomos nós os cúmplices e os algozes da destruição das possibilidades e das vidas do povo brasileiro neste quinzênio maldito.

A atitude de exceção com que responderam ao regime de exceção botou-os nos fundos das prisões, nas sepulturas sem marcos, nas mesas de tortura, mas não lhes apagou a voz do exemplo e da sobrevivência de que é atestado o **"Inventário das Cicatrizes"**, bem como alguns dos depoimentos por eles mesmos trazidos à literatura como o extraordinário **"Cartas da Prisão"**, de Frei Betto, ou o **"Em Câmara Lenta"**, de Renato Tapajós, reconferindo à escrita a função só do lúdico exercício de possibilidades sonháveis mas a destinação maior de espaço real da história, campo de luta e memória das batalhas.

Com o livro de Alex tal sopro atinge a poesia que no Brasil manteve-se, a despeito do eventual desconhecimento dos comtemporâneos, firme no exíguo espaço do permitido, depondo no mínimo as nossas fraquezas e o nosso desconcerto ao emergirmos perdidos na sociedade brasileira dominada por um período de atrocidades sociais e coletivas em que a poesia, sem conseguir fazer-se denúncia, recolheu-se pelo menos a deplorar a morta e o silêncio.

Sérgio Santeiro

O homossexual e o cinema brasileiro

Tudo leva a crer que em 1979 o cinema brasileiro, depois de cortejar índios e negros, venha a fazer o mesmo em relação aos homossexuais. Hector Babenco, o diretor de **Lúcio Flávio**, deve em breve filmar **Shirley**, roteiro de Leopoldo Serran sobre um triângulo amoroso entre um executivo, um travesti e um operário. Miguel Farias Junior já terminou **República dos Assassinos**, baseado em Aguinaldo Silva, onde um dos personagens centrais é também um travesti. E Júlio Bressane reuniu em **O Gigante da América** o casal mais explosivo do ano: Rogéria e Jece Valadão. É mais do que oportuna, portanto, uma retrospectiva crítica do tratamento dado ao homossexual pelo cinema nacional.

O presente trabalho aborda apenas o homossexualismo masculino, nas suas diversas modalidades. Achamos que um estudo sobre as lésbicas será mais profundo se feito pelas próprias mulheres. Sobre elas, é conveniente lembrar a incidência nos filmes de Walter Hugo Khoury (vide **Noite Vazia** 1965, **O Desejo**-1976, **As Filhas do Fogo**-1978) e nos pornodramas paulistas tipo **O Reformatório das Depravadas.**

O mais freqüente, quase uma regra geral, é a associação do homossexualismo com decadência moral e mesmo social. São as loucas caricatas, os balzaquianos que corrompem adolescentes, as harpias do baixo mundo, os intelectuais com "problemas"... Sempre negativos. Quando acontece o inverso, é sugerido que o personagem é boa gente...apesar de viado.

Evidentemente não se pretende impor diretrizes aos cineastas nem sugerir a boneca positiva (igualmente falsa), mas tudo isso é sintomático de um moralismo obsoleto. O mesmo acontece aliás com os enfoques sobre mulheres, negros e índios. E só terminará quando esses grupos passarem também para trás das câmeras, substituindo a caricatura pela realidade. É um pouco abandonar a passividade e passar a agir.

Podemos estudar o assunto em diversas direções: por tipos de homossexuais, por autoria dos roteiros e argumentos, por gênero de filmes por desmunhecadas estéticas. Vamos por partes.

O primeiro travesti de nota no nosso cinema é o então célebre Darwin, que já em 1923 apareceu no filme de Lulu de Barros **Augusto Anibal Quer Casar.** Anos depois, em 1961, Ivaná (estrela das revistas de Walter Pinto), teve um importante papel na chanchada **Mulheres, Cheguei!** de Vítor Lima, contracenando com Zé Trindade. Em ambos os casos, os homens quase se enganam, confundindo as bonecas com mulheres. Outras aparições de nota: Carlos Gil de Carmen Miranda em - **Os Herdeiros 1968** de Carlos Diegues, Marisa em **Marcados para Viver** - 1977 de Marisa do Rosário, Condessa em **Bandido: A fúria do Sexo** - 1977 de David Cardoso. Mas é Rogéria a que mais se destacou: além do recém terminado filme de Bressane acima citado, fez uma ponta em **O Homem que Comprou o Mundo** - 1966 de Eduardo Coutinho e coadjuvou Agildo Ribeiro em **O Sexualista** - 1975 de Egydio Eccio.

Há uma outra variante do travestismo, quando é feito por machões com intenções cômicas. O que os Trapalhões fazem de vez em quando. Assim, Oscarito imitou Rita Hayworth em **Este Mundo é Um Pandeiro** - 1947 de Watson Macedo e Grande Otelo fez Julieta em **A Dupla do Barulho** - 1953 de Carlos Manga. Ambas criações são consideradas clássicas no gênero. Também Paulo José em **Macunaíma** de Joaquim Pedro tentou seduzir o gigante vestido de francesa. **Ele, Ela, Quem?,** comédia inédita de Lulu de Barros, trata de um rapaz vestido de mulher num internato de moças. Já sem intenções cômicas, Daniel Filho em **Chuvas de Verão** - 1978 de Carlos Diegues é descoberto pela esposa vestido de mulher, num apartamento com um halterofilista.

O contrário do travesti seria o Supermacho. Há uma série de filmes, geralmente paulistas, que tem o dito cujo como personagem central. A inteção talvez seja apenas hipnotizar a platéia feminina de baixa renda, mas convenhamos que o exibicionismo de David Cardoso e Tony Vieira já está dando o que falar... As bonecas a-do-ram!

Passamos agora a uma análise rápida dos frequentes homossexuais nos filmes baseados em obras de Lúcio Cardoso, Nélson Rodrigues e Plínio Marcos.

Os personagens de Lúcio são torturados e doentios, frágeis criaturas atiradas num mundo brutal que não as compreende. Em **A Casa Assassinada** - 1971 de Paulo César Saraceni, o obeso Timóteo passa vinte anos trancado num quarto vestido de mulher, para sair no dia de um enterro e chocar toda a cidade. Mesmo em adaptações menos bem sucedidas (**Mãos Vazias** - 1973 de Luiz Carlos Lacerda e **O Desconhecido** - 1978 de Ruy Santos), o clima mórbido do escritor mineiro transpira forte e acaba por contagiar os próprios cineastas. Lúcio começou em 1949 a dirigir um filme (**A Mulher de Longe**) que ficou inacabado.

Já em Nelson rodrigues temos alguns exemplos típicos da associação do homossexual à decadência moral. Não são criaturas delicadas como as de Lúcio Cardoso, mas aflitas e agitadas. Em **O Beijo** — 1965 de Flávio Tambellini (baseado na peça **O Beijo no asfalto**), um jovem beija em plena rua a bôca de um moribundo. A partir daí é abandonado pela esposa, chantageado pela polícia e perseguido pelo sogro, que no final se revela uma enrustida apaixonada. Em **Toda Nudez Será Castigada** — 1974 de Arnaldo Jabor, o filhinho de papai, depois de currado na cadeia, foge para o exterior com um bandido boliviano. Em outro filme de Jabor, **O Casamento** — 1975, a boneca dá para um chofer de ônibus na frente do pai paralítico, que morre apoplético.

As criaturas de Plínio Marcos, ao contrário das anteriores, não são culpadas, mas continuam associadas à decadência e mesmo ao crime. O Veludo de **A Navalha na Carne** — 1974 de Braz Chediak e o Tatá de **Barra Pesada** — 1977 de Reginaldo Farias são bichas proletárias, limpadoras de bordel, decadentes e espezinhadas. Mesmo desagradando alguns, são socialmente verdadeiras. Em **Dois Perdidos Numa Noite Suja**, um homem acusa outro de homossexualismo até levá-lo ao crime. Já em **A Rainha Diaba** — 1974 de Antônio Carlos Fontoura, o protagonista é um apanhado das maldições da sociedade: assassino, traficante de drogas, negro — e homossexual. Há toda uma seqüência particularmente brutal, onde um grupo de travestis tortura Odete Lara num salão de cabelereiro para saber o nome de um passador de fumo concorrente da Diaba. Na mesma linha, mas sem o mesmo talento e escritos por diversos autores, temos **O Marginal** — 1974 de Carlos Manga, **A Extorsão** — 1974 de Flávio Tambellini, **Ana, a Libertina** — 1975 de Alberto Salvá, **Os Amores da Pantera** — 1977 de Jace Valadão, **Amor Bandido** — 1979 de Bruno Barreto entre outros.

Analisando agora por gênero de filmes, vamos até a comédia. Nas dezenas de pornochanchadas chauvinistas, ao lado do velho impotente e da mulher objeto, há sempre a louca caricata. Poucos filmes do gênero que retratam homossexuais fogem desta triste regra. Entre esses, estão **Os Machões** — 1972 de Reginaldo Farias, onde três rapazes "fingem" de bonecas e acabam se estrepando; **A Casa das Tentações** — 1975 do austero Rubem Biáfora com uma excelente seqüência com um decorador pirado; e o ainda inédito **Nos Embalos de Ipanema** — 1979 de Antônio Calmon, onde um coroa rico aluga garotões ao som de Maysa.

Passemos aos melodramas e dramas. Rodrigo Santiago no filme de Roberto Freire **Cléo e Daniel** — 1970 interpreta um homossexual problemático, em oposição ao "amor puro" do casal de namoradinhos. Em **Estranho Triângulo** — 1970, melodrama de Pedro Camargo, existe a qualidade de evitar os chavões, mas o resultado é igualmente moralista: o caso termina em crime. **O Sexo das Bonecas** — 1975, de Carlos Imperial não passa de uma má adaptação da interessante peça de Fernando Mello **Greta Garbo, Quem Diria, Acabou no Irajá**, sobre uma bicha velha e um michê provinciano. Subamos de nível. No pouco conhecido **Amor, Carnaval e Sonhos**-1972, de Paulo César Saraceni, o másculo Arduino Colasanti deixa a mulher em casa no carnaval, se veste de baiana e flerta com um homem que não consegue mais esquecer. **A Lira do Delírio**-1978, de Walter Lima Júnior, conta várias histórias entrelaçadas. Numa delas, um homossexual é assassinado por um chofer de táxi depois de uma orgia num casarão da Lapa, por causa de uns trocados. O assassino incendeia o cadáver e o crime fica impune. Aqui há uma transformação, digamos, ideológica, do tratamento usual do homossexual no nosso cinema. Não é mais o símbolo de uma perversão, mas a vítima de uma violência.

Em outros filmes, o "clima" é criado pela estética, mesmo quando não se toca diretamente no assunto. O clássico maldito **Limite-1929**, de Mário Peixoto tem uma seqüência entre dois homens num cemitério que é uma bandeira. Deslumbrado pelos corpos masculinos, Trigueirinho Neto dirigiu o extraordinário **Bahia de Todos os Santos** em 1959. Passado no Estado Novo, une a vanguarda política ao desbunde estético. Infelizmente, só resta hoje deste filme uma única cópia em frangalhos. Bem característicos de uma linha voyeurista são os melodramas mais recentes de Carlos Hugo Christensen, notadamente **O Menino e o Vento**-1963 (um adulto apaixona-se pelo vento personificado num adolescente), **Anjos e Demônios**-1967 (tem até **close** da bunda dos atores) e **A Morte Transparente**-1979. Hoje nada parece restar do inacabado curta de Glauber Rocha **A Cruz na Praça**-1961, que tratava especificamente do assunto. Desconhecemos, também, duas produções paulistas de 1969, **Orgia ou o Homem Que Deu Cria** de João Silvério Trevisan e **Coração de Mãe** de Sebastião de Souza. Entre os curta metragens destacamos **Trajeto**-1966 de Jorge Guimarães, **Um Clássico, Dois Em Casa e Nenhum Jogo Fora** de Djalma Batista (Melhor Filme no IV Festival JB) e o Super-8 **Sexomaníaco**-1975 de Letícia Moreira (proibido no Festival de Curitiba de 1976).

Para terminar, uma palavrinha sobre as interpretações. Realistas ou estilizadas, há algumas de real sensibilidade. Como por exemplo, Carlos Kroeber em **A Casa Assassinada,** André Valli em **O Casamento,** Emiliano Queiroz em **A Navalha na Carne**, Fábio Camargo em **Barra Pesada**, Paulo Vilaça em **Nos Embalos de Ipanema.** Ou ainda as duplas Nestor Montemar/Mário Gomes em **O Sexo das Bonecas** e Othoniel Serra/Pedro Bira em **A Lira do Delírio.**

Já outros fracassaram redondamente, por inibir-se demais. Vide Mílton Gonçalves em **A Rainha Diaba** (mesmo assim acabou premiado) e José Wilker em **Ana, a Libertina.** Ser ou não ser, eis a questão.

João Carlos Rodrigues

o disco

No coração da magia, com os índios

Em 1977, como parte do Projeto Trindade, o Ballet Stagium com todo o seu corpo de baile e os solistas Márika Gidalli e Décio Otero, o multi instrumentista Egberto Gismonti, mais cinegrafistas e jornalistas estiveram no Parque Nacional do Xingu numa tentativa de, pela primeira vez, mostrar a arte dos brancos aos índios e não, como tinha ocorrido desde a fundação do Parque até aquela data, turistizar a arte dos "selvagens".

Tenho minhas dúvidas sobre os eventuais resultados do espetáculo de dança — irrepreensivelmente criativo para nós — junto ao público, dotado de signos coreógrafos próprios, inteiramente diversos dos nossos. Até hoje guardo também reservas quanto à atuação dos diretores e cinegrafistas do Projeto Trindade, que interrompiam os números de balé a todo instante, para fazer as tomadas do filme "Trindade, Curto Caminho Longo". Quer dizer: por um ou outro motivo não houve a preocupação de apresentar um programa inteiro, sem cortes, como a platéia local — civilizadíssima — demonstrava merecer.

Quanto a Egberto, além da vantagem abstrata da linguagem musical, bateu pé e conseguiu que seu **show** chegasse íntegro, sem interrupções, aos elevados espectadores: um povão índio que tinha viajado a pé ou de canoas, durante dias, para participar do encontro. A resposta veio rápida. Enquanto os bailarinos e cineasta voavam na longa rota de volta à **civilização,** Egberto e eu (que também tinha procurado me enturmar com a rapaziada do Xingu) fomos convidados, pelos próprios índios, a ficar mais um tempo por lá. Desse aprendizado riquíssimo surge agora o LP "Sol do Meio-Dia", dedicado por Egberto ao mestre-cantor Sapain, nosso guru da tribo Iwoalapity.

O texto anexo, resumida descrição do nosso contato com os índios e sua música, foi escrito a convite de Egberto, para publicação no jornalzinho "Nó Caipira" nº 2, que será distribuído como encarte do disco, a sair nesse próximo dia 15 de abril.

NO ALTO XINGU

Era uma tarde quente de novembro. Dentro da Casa das Flautas da Aldeia Iwoalapity, no Alto Xingu, dois brancos passavam por uma experiência que lhes mudaria o modo de encarar o trabalho e a vida. Os brancos eram Egberto Gismonti e eu; a experiência, ouvir o mestre-cantor Sapain tocar e dançar, num ritual a que poucos caraíbas (brancos) já tiveram acesso.

Para os índios, a música está ligada à realidade imediata, à natureza; tem a ver com a essência do ato de existir. Esta, uma das diferenças básicas entre o que se faz no Xingu e o que Egberto produziu ao longo dos últimos anos e que, a mim, como jornalista, coube tentar compreender, noticiar, discutir: a música do branco, nos melhores exemplos ligada à criação, claro, mas também ao consumo e ao lazer. Para Sapain e seus iguais é bem diferente. Não há especialização: o músico não é um ser à parte na sociedade em que vive. Trabalha na roça, pesca e caça; nas horas apropriadas, todos fazem música, havendo os que se destacam num processo natural, não competitivo — este o caso de Sapain. Estes escolhidos recebem entre risos, numa grande brincadeira, o título de mestres-cantores. Neste tom, de jogo gozoso, se realizam as grandes festas e danças coletivas, de que todos participam, homens, mulheres, crianças e brancos visitantes.

O que ocorre no interior da Casa das Flautas — severamente vedada, sem a existência de portas, às mulheres, e principalmente, aos brancos não convidados pelos líderes tribais — é, porém, bem diferente. Agora, ali, escutávamos, víamos e cheirávamos (eles exalam um odor diferente de todos os outros da selva, enquanto criam música na concavidade quente e seca da Casa das Flautas) Sapain e seus dois acompanhantes, Yanuculá e o cacique Aritana, entoando os cantos, os toques de percussão, os sopros da celebração do nascimento e da morte; da noite do dia; da lua e do sol; a música transformada numa espécie de conversa sobre a natureza e seus claros e escuros, seus sins e seus nãos; quer dizer, uma conversa com Deus — pois a natureza, para eles, é Deus.

Estava ali um ato estético atordoante para nós, "civilizados", acostumados a aferir a música também como objeto de lucro, de relação de produção. Participávamos do momento em que os próprios músicos viram música — com guisos amarrados pelos corpos nus, tambores dependurados às cinturas, flautas nas mãos; músculos e mentes interligados numa só anatomia sonora. Durante horas, em silêncio, Eg e eu participamos da magia da criação da música atonal, de alta extração espiritual desse gênio brasileiro; Sapain, sol do meio-dia, iluminador de cabeças. Era bem assim: uma luz forte jorrando dos índios, na escuridão abafada da sagrada Casa das Flautas. Como não quedar, maravilhado, quando se está face a face ao sentido absoluto da Música misturada à Vida? Os índios estavam em nós, nós nos índios, Sapain-Eu-Eg- Yanuculá-Aritana, indissolúveis, como se sempre tivesse sido assim. Nós, os brancos, choramos de felicidade. Os índios riram e compreenderam. De amigos, passamos a irmãos, pelo mistério compartilhado.

Depois, em tudo o que eu e Eg dissemos e fizemos, esteve sempre presente, direta ou indiretamente, um pouco daquele precioso — preciso — momento. O qual, se fosse preciso sintetizar, estaria — inteiro — numa frase do próprio Sepain: **A gente sonha. Quando acorda, vira música.**

Rio, Ano II da volta do Xingu.

Antônio Chrysóstomo

Alguns sorrisos de pavor

*LAMPIÃO foi lá; como não ir, se o filme em tela era assinado pelo **divine** Brian (**Carrie, a Estranha**) de Palma e tinha como peça de resistência toda a mitologia guei que alimenta a produção do autor? O time aí em cima (a partir da esquerda: João Damasceno, Maria Emília, Lodário Vecchi, Paulo Duarte, Eva Todor e Lady Francisco), após a sessão no cinema do Hotel Méridien, armou os sorrisos, fingindo que não estava com medo. Mas, lá dentro, todos deram gritos de pavor ante as imagens que De Palma semeia em **A Fúria:** sem chegar ao clímax de sua obra-prima, **Two Sisters**, o diretor repete neste filme, mesmo assim, alguns dos seus melhores momentos; e não esquece sua obsessão em torno de coisas como o fluxo menstrual, presente com maior discrição em **Carrie** e, aqui, com terrível insistência. Confiram, meninos: Brian de Palma é o mais guei de todos os diretores **straights** de Hollywood.*

Geração dourada (e esmaecida)

A publicidade vem contribuindo, sem nenhuma dúvida, para o agravamento das neuroses das pessoas de mais de 35 anos, ao informar maciçamente, nos comerciais de tevê, que nunca houve gente mais bonita do que essa juventude de agora. Estes jovens, com suas calças Coukier e US Top, fumando os seus cigarros que conduzem "ao sucesso" e usando os tênis que os fazem deslizar com a maior facilidade pelo "fantástico shw *da vida", encontram lugar onde queiram, pois, afinal de contas, usam rexona e outros produtos de fórmula exótica mas resultados infalíveis. Toda essa ideologia do consumismo elegeu o surfista, com seus cabelos parafinados, seus calções folgados, suas sandálias havaianas e seu ideal mais que longínquo — uma praia muito distante, no Havaí, seu símbolo maior: ele seria o representante do "homem novo", uma espécie de mutante do que ainda estar por vir.*

Ainda bem que Nos Embalos de Ipanema, *apesar do seu título meio puxado para a pornochanchada, desmitifica tudo isso. No filme de Antônio Calmon a tal juventude dourada aparede tal qual é — nem melhor nem pior que a juventude transviada, por exemplo, ou aquela que "amava os Beatles e os Rolling Stones", e apenas à espera da hora em que assumirá seu devido lugar no sistema que a pariu. Toquinho (André de Biase, foto acima), o surfista, contribui, em relação às gerações anteriores, apenas com uma novidade: a descontração, sua atitude amoral diante das coisas duras do mundo que se prepara para abocanhá-lo. É assim que ele transita, sem maiores problemas, por camas às mais diversas — desde a de Paulo Vilaça à de Gracinda Freire, passando pela de Selma Egrei (onde, por sinal, ele vai deitar por engano). (AS)*

Homossexualismo: duas teses acadêmicas

Vinte anos atrás, a revista **Sociologia**, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (volume XXI, nº 4, outubro de 1959) publicava "Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo", de José Fábio Barbosa da Silva. Em 1964 foi programada a publicação de uma tese de mestrado do mesmo autor, sobre o mesmo tema, no Boletim nº 13 da Cadeira de Sociologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Essa monografia não chegou a ser publicada, tendo sido retirada da gráfica "para revisão", conforme consta do protocolo. Não existe documentação de que a dissertação tenha sido defendida na Faculdade de Filosofia, onde, por norma, todas as teses são registradas, guardando-se um exemplar nos arquivos do Expediente Acadêmico. Uma vez que o autor reside nos Estados Unidos, não foi possível nenhuma informação esclarecedora. No entanto, a partir do artigo de 1959, pode-se ter uma idéia aproximada da perspectiva analítica do Autor, ao tratar pela primeira vez no Brasil do homossexualismo como objeto de pesquisa da ciência social.

José Fábio Barbosa da Silva, fazendo uso das teorias de patologia e desorganização social de então, se propõe em seu artigo analisar as relações entre "desenvolvimento da homossexualidade" e o desenvolvimento da cidade, apoiado nos esquemas da ecologia social de Robert Park e E. W. Burgess da famosa Escola de Chicago. Segundo estes, as cidades desenvolvidas espacialmente através de círculos concêntricos tendem a apresentar em seu centro áreas decadentes, reservadas a atividades comerciais e administrativas, com o deslocamento das residências para regiões mais afastadas. O centro da cidade, onde o controle social passa a ser menos rigoroso, constitui-se, segundo o Autor, na "região de prazer e de exploração organizada do vício" (p. 354). Nesta região "a diminuição das sanções, a concentração de grupos masculinos para a procura de prazeres sexuais ou de lazer, são basicamente fatores que servem de catalizadores de grupos homossexuais" (p. 354).

O Autor traça o mapa onde, na época, se concentravam os grupos homossexuais de São Paulo: "um grande T, formado pela confluência das avenidas São João e Ipiranga, que tem seus limites mais gerais entre os pontos do cinema Oasis, Art-Palácio e início da rua São Luís" (p. 352). Cita como pontos de encontro da época os bares República, Nick Bar, Pari Bar, Mocambo, Jeca, Cremeirie, Brahma, Baiúca, os cinemas Art-Palácio, Oásis, Marabá, Cairo, Pedro II, Cinemundi, Santa Helena, e banheiros públicos do centro da cidade.

Procura também caracterizar o grupo e indicar suas funções sociais na socialização de novos membros e na manutenção da categoria homossexual como um grupo provido de valores e normas de conduta específicos e que reproduz o estereótipo homossexual: "é no grupo que os homossexuais se iniciam e são classificados, perdem suas inibições de viver e mostrar-se como homossexuais, aprendem a desfilar, usar roupas femininas e meios de atração e defesa do parceiro sexual" (p. 360).

Escapando do psicologismo vulgar, mas preso à pobreza teórica do funcionalismo, o Autor não vai além da descrição elementar das relações aparentes. Mas guarda o mérito de iniciar a discussão. Ou melhor, de tentar iniciar: quase vinte anos se passaram para que o problema voltasse à Academia.

Em 1977, Carmen Dora Guimarães apresenta ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro a dissertação de mestrado intitulada "O homossexual visto por **entendidos**".

Neste período, o homossexualismo apareceu em alguns trabalhos, mas sempre como assunto paralelo e secundário. Por exemplo, o psiquiatra José A. Gaiarsa, em seu livro **A juventude diante do sexo** (São Paulo, Brasiliense, 1967), dedica um capítulo ao que ele chama de uma das mais freqüentes perversões sexuais (p. 283). Tratando do assunto a partir da psicanálise, Gaiarsa acaba por concluir que "A homossexualidade não é um problema sexual mas sim um problema de estrutura de caráter e de comportamento" (p. 297), conclusão que, por si, escamoteia o problema da existência da homossexualidade como objeto merecedor de estudo específico.

Ao contrário, em "O homossexual visto por **entendidos**", Carmen Guimarães parte do homossexual como um dado, e sobre ele se debruça, tomando como ponto de apoio empírico a pesquisa de um grupo de 14 homossexuais masculinos residentes no Rio de Janeiro, de classe média, e originários, em sua maioria, de Minas Gerais.

A dissertação se divide em uma Introdução, uma conclusão e três capítulos sugestivamente intitulados: A produção do mito do silêncio, da diferença à semelhança, e da semelhança à diferença. Traz também uma bibliografia sobre o que de mais importante se escreveu sobre o assunto e um anexo fotográfico.

Além do material colhido através de entrevistas — material este amplamente transcrito ao longo da dissertação — a autora se vale também de seu conhecimento pessoal do **network** (expressão adotada pela autora para evitar o uso de "grupo"). Em termos de resultados, a autora traça com bastante competência o quadro mais geral da composição do estilo próprio de vida do grupo, suas alternativas e estratégias de sobrevivência no meio heteroxessual dominante, seus critérios de identidade e hierarquização. Inda mais, o rico material empírico apresentado fornece o roteiro dos locais de atividade pública do homossexual no Rio de Janeiro, sua gíria, e, como não podia deixar de ser, a revelação das situações dramáticas (mas nem por isto tristes) da vida cotidiana dos pesquisados. As histórias de vida relatam momentos da descoberta da própria homossexualidade pelo sujeito, momentos dos primeiros contatos, as dúvidas, incertezas e auto-rejeições, para, finalmente, se chegar ao momento da aceitação, do compromisso e da efetivação do **network**. Por si só este material se apresenta como uma espécie de cartilha pedagógica da homossexualidade, em que se inscrevem valores e normas de comportamento. Como esta pedagogia sócio-sexual é oposta à pedagogia da sexualidade predominante (heterossexual), a constituição do grupo (**network**) aparece na pesquisa como a tática fundamental para a solução de problemas de discriminação e repressão impostas ao elemento desviante.

Dentre vários problemas discutidos, incluem-se a discriminação profissional e a maneira de a contornar; a prostituição homossexual, com seus locais de atuação e táticas de abordagem e de defesa; o lazer e a convivência com o mundo heterossexual.

Quanto ao critério comportamental de identidade homossexual, Carmen Guimarães escreve que "a negação desta diferenciação ideológica ativo (masculino) passivo (feminino) para definir a identidade homossexual também pertence ao **ethos** dos indivíduos do **network** e orienta as suas relações sócio-sexuais. Para este, "a questão de ativo e passivo não se coloca — tudo é transa. Definem a **relação** como homossexual, assim como ambos os parceiros da relação" (p. 110)

A análise da questão do prostituto (**michê**) dá à autora a oportunidade de discorrer sobre a violência e, por artifício ou simplificação, sobre o poder. Na página 111, aparece o seguinte relato de um entrevistado a respeito da possibilidade de violência na relação com o **michê**: "Se depois o outro (**michê**) ameaça escândalo, eu ameaço um escândalo ainda maior. Não me intimido. Não tenho nada a perder. Aí fico bem. **Fico macho mesmo. É homem contra homem.**" E a autora interpreta: "este desfecho é produto da dialética de avaliação para determinar que, em última instância, detém o poder."

Se a leitura da dissertação propicia, a cada página, informações importantes e oportunas, as incursões teóricas da autora se perdem num emaranhado de referências descontínuas e muitas vezes impróprias. Abusa de conceitos, como o de poder (p. 134 **et passim**), fala em dialética quando se trata de simples confrontos de papéis, aponta para a articulação de uma "ideologia" com a "lógica da estrutura social" que não se revela, e acaba por cair na "**funcionalidade** na delimitação das fronteiras de normalidade e anormalidade para a prática social". Extraindo de obras de Goffman, Foucault e Bourdieu fundamentos para situar o homossexual como sujeito que, por ser desviante, sofre todas as conseqüências do estigma, e que, como estratégia, desenvolve em um mundo paralelo uma simbologia específica, a autora procura manter-se suficientemente distanciada de seu objeto para tentar mostrar o homossexual como ele é em seu próprio mundo, e como ele mesmo vê e interpreta sua situação. Esta meta, atingida em muitas passagens do trabalho, fica, infelizmente, incompleta, na medida em que, por restrições da própria pesquisa, não são analisados outros segmentos sociais da população homossexual.

Mas o mérito de Carmen Dora Guimarães não reside apenas no esforço e disposição para tratar de um tema tão difícil, difuso e praticamente inédito nas ciências sociais no Brasil. Apesar do formalismo que caracteriza as teses acadêmicas, uma bem-vinda publicação do trabalho certamente contribuirá para melhorar o parco conhecimento que todos — homossexuais e heterossexuais — temos da realidade sócio-sexual no Brasil. O trabalho de Carmen Dora Guimarães interessa a todos que acreditam que — apesar do obscurantismo preconceituoso em que vivemos metidos (Lembram-se do **Relatório Hite?**) — o sexo libertado também é fundamental.

Reginaldo Prandi

CARTAS NA MESA

A VOZ DA MULHER

Venho acompanhando o trabalho realizado por vocês, desde o aparecimento do jornal. Evidentemente, trata-se de um trabalho sério que reflete disposição para o debate, o esclarecimento, a informação, a conscientização. O jornal é bem paginado, criativo, engraçado, e, às vezes, comovente, tendo conseguido manter, até o momento, um nível realmente inédito no Brasil, para publicações do gênero.

Entretanto, vem chamando atenção a posição por vocês assumida, relativamente à situação do homossexualismo feminino. É certo que o jornal tem repetidamente proclamado (e posto em prática algumas vezes) que suas páginas estão à disposição das mulheres (feministas, homossexuais, heterossexuais), muito embora a essas proclamações não tenha faltado um certo tom simpático e paternalista de dono da bola, que concede se quiser, como quiser e quando quiser.

Concordo com isso. Afinal, vocês não têm culpa das mulheres homossexuais ainda não terem se assumido, bem como de não passarem, publicamente, dos estereótipos habituais, marginalizados, deformadas físicas e psicologicamente; quando sabemos que inúmeras mulheres homossexuais há que são integradas socialmente (profissionais liberais, intelectuais, artistas), bonitas, autônomas,equilibradas e que, embora não tenham optado por assumir-se publicamente, vivem relações estáveis e gratificantes com outras mulheres...

Isentando, pois, vocês dessa culpa, cabe porém discordar das respostas evasivas que têm sido dadas às solicitações constantes de maior abertura para o assunto, com a publicação de artigos, entrevistas, reportagens, roteiros de lugares gays femininos, etc. A impressão que vocês passam é a do estabelecimento de um certo clima de terrorismo psicológico. A palavra terrorismo anda fora de moda por aqui, mas é isso mesmo. Dizer, por exemplo, que: "É arriscado, na situação em que vivemos, tornar determinados ambientes "oficiais", principalmente no caso das mulheres" (**Lampião n.º 9**) — **sic!** — além de ser uma declaração ingênua, cheira, desculpem, a repressão e/ou medo de informar, duas coisas que um veículo de comunicação que se preza não deve fazer.

Seria conveniente lembrar que **o que não é proibido, é permitido**. Então, qual a razão desse clima todo? Com tal procedimento quase discriminatório, vocês se arriscam, involuntariamente, a assumir, em relação à mulher homossexual, a mesma posição repressora e medrosa que a sociedade assume em relação ao homem e à mulher homossexuais, na repetição de uma jogada histórica, clássica e pouco original de inversão de papéis.

E isso não pode ficar bem para um jornal que, apesar de ser um simples lampião, já consegue iluminar algum espaço da ampla escuridão que nos rodeia. Daí (por respeitá-los) a preocupação de dialogar sinceramente com vocês e alertá-los para essa espécie de miopia, naturalmente sanável, desde que vocês assim o desejem. Acreditem, isso seria bom e saudável prá todos nós.

Abraço da
Telma Radicez — São Paulo

R. — **O tema da pequena presença das mulheres em Lampião vai completar agora um ano, com o jornal. A nossa posição, Telma, não é evasiva nem muito menos chegada a qualquer sombra de terrorismo: os artigos têm saído (veja nos últimos números os de Rita-Foster Brown, nos sempre abertos "Ensaios Populares", de Leila Miccolis, de Trevisan e Cynthia Sarti), embora em "quantidade" proporcionalmente menor, talvez pelo simples fato estatístico de que tem mais homem do que mulher trabalhando no jornal; as reportagens, Aguinaldo Silva lembra numa convocação-desafio do n.º 10 que melhor serão feitas pelas próprias mulheres. A este respeito, uma boa notícia: ELAS (homo e hetero) realmente "invadiram", como a gente vinha pedindo, nossa última reunião de pauta, e os frutos você já começa a ver nesse número;não fique melindrada se a turma aqui da redação é esmagadoramente masculina e mostra, por exemplo, no carnaval, o seu carnaval. Será que no resto do ano a gente pode começar a "brincar" junto nossas alegrias, tristezas e raivas? O espaço de Lampião é aberto, lembramos mais uma vez: escrevam, reportem, venham. Quanto a nossa passageira paranóia ante a publicação de um roteiro de lugares gays em geral, ou de mulheres em particular, foi boa a intenção: nunca se deve esquecer que mesmo o permitido (ainda) pode ser reprimido. Mas apesar de pairar realmente (ou ter pairado) sobre a redação um "clima" meio estranho, com cheiro de prateleiras burocráticas da ordem, não há razão para tremer pela publicação de um roteiro de lugares onde se divertem cidadãos que não devem nada a ninguém. O início da publicação constante deste roteiro, desculpe mais essa "evasiva", continua submetida à apreciação dos gênios administrativos da redação. Mas já têm saído (sobre Fortaleza, Niterói, Manaus, Rio, etc.) e continuarão a sair (inclusive sobre a sua paulicéia) novas dicas descompromissadas.**

Balé na Praça

Oi gente,

É com muito prazer que estou lendo o **Lampião**. Adorei as reportagens, principalmente a declaração de D. Maria das Graças de Abreu, aquela mãe do Recife que tem um filho homossexual. É muito bom saber que o nosso grito de liberdade já está chegando aos grandes magazines como o **Gay Sunshine**.

Outra coisa: gostaria também de saber como colaborar com vocês, pois tenho muitos textos escritos, porque eu amo um rapaz de 17 anos, e tudo que faço é para ele, também faço balé clássico e moderno, adoro dançar.

Se possível, com o passar das oportunidades, queria ver reportagens sobre São Paulo. Vocês sabiam que aqui é proibido para os homossexuais andarem nas ruas e na Praça da República mesmo com documento regristrado, se não vão para os 3º, 4º e 1º distrito e de lá só saem quando eles bem entendem, mas isto ninguém vê, nem lê ou escuta, porque só é publicado em jornais para minoria, e "eles" só lêem os jornais da maioria.

Minha cartinha não está muito boa porque acabei de chegar do serviço, terminei de ler o **Lampião** e estou escrevendo esta carta, agora vou jantar, vocês estão servidos?

Saulo Eduardo Scavacine — São Paulo

R. — **Obrigado, Saulito, e tome cuidado com os famosos "cavalarianos" da Praça da República, que deveriam oficialmente policiar a região de verdadeiros perigos, mas geralmente preferem — sim, nós sabíamos — investir com todas as patas contra gente que não faz mal a ninguém. Bom apetite e parabéns pelo seu amor.**

Classificado grátis

João Alberto, que deu a idéia dos Classificados sem Caráter de Lampião, está afogado em cartas e pede socorro:

(...) Pôcha o que foi de gente bacana que conheci não tá no gibi! Jamais conseguiria arranjar tantos amigos como consegui através daquele classificado no nº 7. Gostaria de dizer a todos aqueles que me escreveram e a quem não pude responder que, por infelicidade, foi numa fase em que perdi uma firma que as cartas começaram a chegar. Não pude responder a todos. Tentei, mas não consegui (também, 80 cartas!). Agora meu tempo está mais livre e estou voltando a trocar postais e o bate papo com quem me escreve (Caixa Postal 1.814, São Paulo)

João Alberto Dalcomuner — São Paulo

Garis em luta - I

Não tenho o mínimo interesse no que gente tipo o ministro Mário Henrique Simonsen, o presidente Ernesto Geisel, o prefeito Faria Lima fazem ou deixam de fazer com a vida deles. Autoproclamados representantes do povo, só posso dizer que a mim não representam. Deles nada peço. Mas sinto, cada vez com mais impaciência, a abusiva interferência de figuras desse tipo na minha vida.

Teve a greve dos lixeiros aqui no Rio. Eles alegam que passam fome com o pouco mais de Cr$ 1.500,00 que ganham. Acredito: só de aluguel estou pagando Cr$ 7 mil por mês. O ministro do Trabalho, com que se preocupa este? Porque dos industriais e comerciantes cuida o da Indústria e do Comércio: declara a greve ilegal e os garis são ameaçados pelas autoridades e seus pelegos com mil punições e repressões. Retomam o trabalho à espera da resposta. Ninguém ainda sabe quando e se terão aumento. Mas a taxa do lixo já passou para 36%. e a notificação do imposto predial diz que parte deste é para retirada de lixo da cidade. Vocês pensam que estão enganando quem?

Agora vem o ministro e futuro ministro Simonsen dizendo pelos jornais que vai tirar 5 a 10% de imposto de renda a mais do meu salário porque "todo mundo tem que pagar pela calamidade". Qualé ministro? Eu acho que antes tem muito escritório caro, muita construção suntuosa, muito telefone, telefonema, telex, carro com motorista, ar condicionado, mansões na beira do lago Paranoá, viagens ao exterior, jatinhos praqui e pralá e os inumeráveis e inomináveis etc que podem ser cortados se estão numa de fazer dinheiro para os desabrigados das enchentes.

Pensando um pouco, acho tão estranha essa súbita preocupação com as vítimas das enchentes. Porque gente com fome, sem casa, é coisa que não precisa de cheia ou de seca para abundar por esse País afora. Querem ver? É só saírem de suas limusines, dos palácios, das salas de espera vips dos aeroportos. E não adianta vir com a conversa de que todo mundo vai pagar que eu sei muito bem das jogadas que a legislação do imposto de renda prevê para quem não é assalariado ou pode apelar para compra de ações e outros descontos. Vamos tirando a mão do meu bolso!

Júlio César Montenegro — Rio

R. — **E do meu** (A propos: **entre a data em que Júlio César nos escreveu e a publicação deste número, os garis do Rio tiveram seu suado aumento, considerado histórico na classe pela percentagem.**)

Garis em luta - II

Sou um assíduo leitor do **Lampião**, que é c farolito de minha obscura vida gay. Lendo-o, todavia, sinto-me mais lépido e afoito para a vida e a luta cotidiana. Como já divulguei amplamente na coluna "Broadway" da revista **Show**, acho que o movimento gay brasileiro é uma parada sem desfile! Os estudantes lutam por seus direitos; os garis da Prefeitura lutam pelo aumento de seus salários. Eu cá, que não me responsabilizo pelo que der e vier, acho que podemos lutar sempre, para frente e para o alto.

(...) Gostaria que vocês divulgassem a festa que ora vai se incrementar numa das mais famosas boates do Rio Amigo (para breve) e o concurso Gay-Charm 78, que elegeu os mais elegantes e audaciosos. Toda a patotinha amiga do Farolito está por dentro e espera ansiosa o convite para tal evento. O concurso foi organizado por mim com a aprovação do diretor-executivo Paulo Lopes, contando com as colaborações espontâneas de Glorinha Pereira (do **Correio de Copacabana**) e de Wagner Montes, o ator-revelação do filme **A Morte Transparente**. (...)

Agradecimentos prévios e um grande abraço do velho guerreiro da Broadway hodierna!

Guilherme Santarém — Rio

R. — **Obrigado a você, Guilherme. Para quem não sabe ainda, fica o convite para a festa de entrega dos troféus Gay-Charme, que terá local, dia e horário divulgados em breve e contará com a presença de gente fina, como Ademilde Fonseca, Emilinha Borba, Lecy Brandão, Marcelo Picchi, Elizabeth Savalla e muito mais, todos caindo de charme gay.**

CARTAS NA MESA

Viva o verão carioca

Cá entre nós, e antes de tudo por que essa revolta tamanha com aquelas fotos sugestivas das praias cariocas? Será que há mesmo quem resista a esse verão, embora chuvoso? Ou será que esse pessoal repressor não sabe que nos EUA existem revistas tipo **Playboy** só para o deleite do "gay people", como **Blueboy**, entre outras? Não se acanhem, tá?

Espero ansioso as seguintes reportagens-artigos: com Ney Matogrosso, sobre as saunas, sobre as hilariantes faculdades de comunicação e entrevistas com pessoas comuns que morem juntas. Aliás, esse é um "caso" à parte.

Venho igualmente me solidarizar com os "carregadores" de **Lampião** que enfrentam atentados esdrúxulos por parte da grande (?) imprensa e do tão afamado departamento de censura.

No mais, continuem evoluindo sem alarde, mas também sem o discreto charme burguês, que de charmosb só tem o fato de adorar o sexo ocasional porém pueril.

Beto Carvalho — Rio

Contra a força bruta

(...) Lastimo só ter despertado minha curiosidade para a leitura do **Lampião** agora, depois que ele foi acusado de "atentado à moral e aos bons costumes". Já está na hora de pormos para fora a nossa ojeriza à hipocrisia escancarada que impera entre nós. Do plano político ao pessoal. É de se ter dó, ver pessoas presas a questões tão sem importância, de insignificância absurda, mas que para elas são tidas como as leis máximas que as vedam dos males, tornando-as impenetráveis. Daí o preconceito, a discriminação e o julgamento automático daquilo que "devemos ou não fazer".

É com a luta consciente contra essa "força bruta" que quero me associar, e com isso ao **Lampião da Esquina**. Vai aqui a minha solidariedade com o jornal, no sentido de que vença essa clara injustiça que a "justiça" quer empreender contra ele. (...) Lutarei com vocês pela liberdade de expressão, pelos direitos humanos, pela conscientização dos homossexuais, não pela criação de uma classe unida e isolada de todos, mas pela perfeita integração sua na sociedade, pela liberdade da mulher, por nosso direito ao voto para nossos representantes no Poder, e contra mais e mais falhas e injustiças que temos sentido na pelo, tudo isso por um país coeso e aberto, por um povo sem medo de sair às ruas, por vermos todos os nossos direitos postos em prática. (...)

José Benício Costa Júnior — Rio

Londres fervilhando

Queridíssimas pessoas, faz muito, muito tempo que não dou o ar de minha graça procês, mas aqui estou de volta, nervosa, louca pra contar tudinho que vi, li e ouvi sobre o LAMPIÃO aqui em Londres, a terra da Bebeth. Em janeiro o Gay News ilustrou o jornal com uma imensa foto do pessoal que trabalha no LAMPIÃO, dizendo que os meninos estavam sendo processados pelo Ministério da Justiça — justiça? — e também fazendo um pedido aos leitores para que escrevessem para o mesmo (Ministro) no sentido de apoio a vocês. Depois, um amigo de Paris me telefona dizendo que a imprensa estava nervosa, rebuscando o caso LAMPIÃO; enquanto isso, uma manifestação tomava conta das ruas principais de Paris em favor do jornal. Claro que estas notícias me fizeram ficar de mau humor, mas claro que segurei meu cachimbo fortemente, como se estivesse apertando a garganta de alguém.

Mas, depois de algumas coraminas constatei que as notícias recebidas não foram bem claras, tanto que o correio chegou à tarde com o LAMPIÃO FERVENDO, e aí fiquei mais aliviada.

Bem, hoje é outro dia, e aconteceram outras coisas; pela manhã, quando recebi o LAMPIÃO, antes de ir para o curso, parei para ler a opinião de Leila Míccolis sobre o jornal O Repórter. Não sei exatamente se devo concordar ou não, mas também não foi isso que a Miss ou Mrs Míccolis expôs. Eu só acho que a reportagem que fizeram sobre lesbianismo tinha tudo para ser boa. Eu, por exemplo, e minha amiga, chegamos a responder ao tal questionário, e devo dizer que as perguntas eram da melhor qualidade. Claro que havia meia dúzia de fatais e corriqueiras. Inclusive, nós respondemos porque Iara Reis Carvalho é nossa amiga de alguns anos, e sabíamos que ela seria capaz de desenvolver o lance numa boa, por ser uma mulher muito inteligente e culta, por ser uma pessoa que ama o que faz, e jornalismo é a vida dela.

Sabemos porém que ela não tem participação nenhuma no caso de a reportagem ter sido sensacionalista, pois quando se está começando não há opção.

Bem, voltando ao velho assunto de atentado à moral e aos bons costumes, permitam-me contar uma história que aconteceu comigo em 76, pouco antes de vir pra cá. Sei que não é exatamente isso que aconteceu com LAMPIÃO, mas que mostra a tal moral e os bons costumes das pessoas que os pregam.

Estava a donzela aqui num parque, confortavelmente falando das estrelas e dos passarinhos para uma amiga, quando de repente nos aparecem, como se tivessem acabado de dizer Shazam!, *dois homens fardados com seus cães de guarda ou caça, sei lá. Falaram que estávamos praticando* pederastia *em lugar público, que isto era atentado à moral e aos bons costumes, e que iriam nos levar para a delegacia. Nisso eu já estava pensando que teria que usar aquele par de argolas que eles tinham pendurado na cintura. Mas de repente foram mais* baixos *do que a gente poderia imaginar: resolveram "conversar", e pediram dinheiro. Daí, eu disse que nosso dinheiro eram apenas vinte cruzeiros, com os quais estávamos pensando em fazer um pequeno e pobre lanche no Bob's; no que eles nos perdoaram, pegaram os vinte cruzeiros que não davam nem para alimentar os pobres cães, e foram embora, vomitando ameaças futuras para o caso de nos encontrarem ali de novo.*

Achei o lance tão ridículo, que pensei que seria melhor que eles se vestissem de mendigos e pedissem dinheiro pelas ruas ou parques; seria mais honesto, mais digno, mais inteligente e, quem sabe?, eu até poderia dispor do dinheiro que tinha escondido no bolso de trás.

Bem, pessoas, continuem sacudindo as baianas, e se preciso dancem um xaxado pra quem quiser ver, com firmeza e graça. Eu continuo falando do LAMPIÃO para as pessoas, sem emprestar os que tenho, pois vocês sabem como são os brasileiros. A única pessoa com quem divido o jornal é a minha flor de maracujá, o que não faria sentido não fazê-lo, já que moramos juntas. Quero também agradecer pelos jornais que tenho recebido sãos e salvos. E aqui vão meus beijos salientes em cada bochecha rosada ou morena. Uns apertões de

Addy — Londres

Classificados sem caráter

Revistas gueis americanas __ Muitas fotos. Branco & Preto e Coloridas. Vendo seis a 200 e 300 cruzeiros cada. Interessados escrever: José C. Fonseca, Posta Restante, CEP 0.1000, São Paulo __ SP

VENDO coleção quase completa do Pasquim (Faltam cerca de 20 números). Propostas para a Caixa Postal do LAMPIÃO, dirigidas a Odilon.

VENDO uma coleção da revista Senhor, primeira fase. Cartas com propostas para a Caixa Postal deste jornal.

Cara, você já leu o Lampa deste mês?

Faça de LAMPIÃO da Esquina o seu jornal. Assine agora.

Desejo receber uma assinatura anual de LAMPIÃO da Esquina ao preço de Cr$ 210

Nome ______________________

Endereço ______________________

CEP ________ Cidade ________ Estado ________

Envie cheque ou vale postal para a Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. — Caixa Postal 41031 — Santa Teresa — Rio de Janeiro-RJ. CEP 20241

Sugestões para o pesadelo da madrugada

Em 1977 uma amiga convidou a fotógrafa Astrid Marot para dar uma volta pela Galeria Alaska, "onde havia tipos bem interessantes". Era um noite de carnaval, e o que ela viu na Galeria fez parte, nos dois anos seguintes, do rol de suas obsessões. Desde então, Astrid passou a fotografar, com rara paciência, os travestis que, a cada carnaval, saem à rua, não para exibir uma possível semelhança com as pessoas do outro sexo, mas sim, para incorporar a inquietação que os faz buscar o impossível — a transformação. Os travestis de Astrid têm a **facies** do pesadelo, vê-los certamente ajuda a entender o medo irracional que acomete muitas pessoas hetero nas quais o homossexualismo provoca um pavor, a sensação de "já ter visto aquilo em algum lugar" — possivelmente no mais íntimo de todos os seus pensamentos. Astrid selecionou as melhores dentre essas fotografias, e as expõe agora, na Livraria Divulgação e Pesquisa, à Rua Maria Angélica 37, Lagoa, no Rio. E ainda neste semestre vai mostrá-las no Museu dos Trópicos, em Amsterdã.

Astrid Marot (foto acima) e os travestis que ela fotografa, com suas "facies" de pesadelo

Homossexuais se reúnem em Israel

As três primeiras foram nos Estados Unidos. A Quarta Conferência Internacional de Lésbicas e Gays Judeus (**Fourth International Conference of Gay and Lesbian Jews**) vai-se realizar em Tel-Aviv, de 19 a 22 de julho, e para ela está convidando a Society for the Protection of Personal Rights, que aproveita para oferecer um **tour** por Israel, numa muito boa de quem está mais que certa da paz com Sadat ("Israel is always alive with excitement, but now more than ever."). Entre conferências e seminários — mais "atividades sociais e experiências religiosas" — a conferência vai debater três temas principais: Gay em Israel, Lei e Liberação e Modernas Perspectivas Judaicas.

Mas igualmente interessante, para quem for, será conhecer a Sociedade para a Proteção dos Direitos da Pessoa. Como se vê, já o nome é um belo programa, certamente inspirado nas melhores tradições da organizadíssima luta pelos diversos direitos civis (de negros, homossexuais, minorias étnicas ou profissionais, etc.) dos EUA.

Para começar, é bastante inspirador saber que a Sociedade é oficialmente reconhecida pelo ministério do Interior israelense; e que uma de suas atividades consiste em contatos com organismos governamentais ou para-governamentais — o exército, a polícia e as autoridades de saúde são mencionados.

Os objetivos estatutários da SPPR:

a) Levar assistência e estímulo a indivíduos com problemas e dificuldades pessoais de ajustamento devidos à sua orientação sexual;

b) oferecer um ambiente social e cultural saudável a seus membros;

c) aconselhar e apoiar aqueles que tenham dificuldades com órgãos governamentais e outras instituições simplesmente por serem homossexuais;

d) elevar o nível de conscientização de seus membros, inclusive com esclarecimentos sobre aspectos da homossexualidade e vários problemas correlatos causados por incompreensão na sociedade israelense;

e) explicar corretamente ao público em geral a natureza da homossexualidade, dissipando preconceitos e equívocos;

f) promover uma alteração no código criminal israelense, objetivando a descriminação da homossexualidade, muito embora a política declarada do governo, atualmente, seja a de não insistir no cumprimento da lei.

Por este último tópico entenda-se, naturalmente, que embora existam nas leis israelenses referências penais à prática homossexual, elas estão caindo em desuso, por recuar o próprio Estado ante sua aplicação. Ou seja, exatamente o contrário do que acontece no Brasil, onde não se explicita em lei o aspecto homossexual quando se trata de proteger a moral pública, mas o Ministério público manda abrir um inquérito policial contra um jornal como **Lampião**.

As atividades da SPPR são variadíssimas e intensas, indo do aconselhamento pessoal (por correspondência, telefone, entrevistas pessoais ou indicação de especialistas em vários setores) a campanhas de informação e cursos diversos, passando por um clube noturno para "jogos, leitura, TV e conversação", bailes e uma **disco coffee-house** ("Israel's hottest, i.e. only").

A SPPR (POB 46039, Tel. Aviv, Israel) acolhe como membro qualquer pessoa maior de 18 anos que se identifique com os objetivos da organização, mas "apressa-se em acrescentar que todos os pedidos (de informação ou associação) são considerados confidenciais".

No próximo número: uma entrevista com um rabino guei